

FRATERNIDADE E AMIZADE SOCIAL

“Vós sois todos irmãos e irmãs”

(cf. Mt 23,8)



24 de março - Domingo de Ramos: Coleta Nacional da Solidariedade



TEXTO-BASE



CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2024

Tema: Fraternidade e Amizade Social

Lema: "Vós sois todos irmãos e irmãs" (cf. Mt 23,8)



Direção-Geral:

Mons. Jamil Alves de Souza

Secretário-Executivo para as Campanhas da CNBB:

Pe. Jean Poul Hansen

Autoria:

Dom Joel Portela Amado

Pe. Jean Poul Hansen

Mariana Aparecida Venâncio

Edição:

João Vítor Gonzaga Moura

Gabriel Neves da Cruz

Revisão:

Vinícius Sales

Arte do Cartaz da CF 2024:

Samuel Sales

Wanderley Santana

Projeto Gráfico, capa e diagramação:

Henrique Billygran Santos de Jesus

Impressão:

Foxy Editora Gráfica

C748c CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil / Campanha da Fraternidade 2024: Texto-Base. Brasília: Edições CNBB, 2023.

88p: 14 x 21 cm

ISBN: 978-65-5975-230-0

1. Campanha da Fraternidade 2024;
2. CNBB;
3. Fraternidade e Amizade Social.

CDU: 264.342



Edições CNBB

SAAN Quadra 3, Lotes 590/600

Zona Industrial – Brasília-DF

CEP: 70.632-350

Fone: 0800 940 3019 / (61) 2193-3019

E-mail: vendas@edicoescnbb.com.br

www.edicoescnbb.com.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
OBJETIVOS DA CF 2024	7
ORAÇÃO DA CF 2024	8
PALAVRAS-CHAVE DA CF 2024	9
HINO DA CF 2024	10
IDENTIDADE VISUAL DA CF 2024	12
Lista de Siglas	15
Introdução à Campanha da Fraternidade	16
Introdução ao Tema da CF 2024	18
I – VER:	
Onde está o teu irmão? (Gn 4,9)	25
Somos todos irmãos.....	26
Sinais de divisões e inimizades, sombras de um mundo fechado.....	28
Marcas da nossa sociedade.....	32
A crise do pertencimento e a questão das identidades.....	33
A Síndrome de Caim.....	34
Causas que geram e alimentam a inimizade.....	37
A questão fundamental.....	38
Um tema transversal e um caminho a seguir.....	40
Sinais que suscitam e sustentam a amizade social.....	41

II – ILUMINAR:

“Vós sois todos irmãos e irmãs” (Mt 23,8)	45
Um único Mestre: Jesus	49
Um único Pai: o do Céu.....	50
Um único Guia: o Espírito que gera diversidade de carismas e ministérios.....	51
No lugar de Deus ou do irmão?	51
“Estou procurando meus irmãos” (Gn 37,16)	52
“Onde quer que permaneças, permanecerai comigo” (Rt 1,16)	55
“Vós sois todos irmãos e irmãs” (cf. Mt 23,8).....	57
“Já não vos chamo servos (...). Eu vos chamo amigos” (Jo 15,15).....	58
O testemunho dos santos.....	60
A Vida Religiosa Consagrada: testemunho de fraternidade e amizade social	62
Espiritualidade de comunhão	63
Cultura do respeito, do diálogo, da amizade	63
A fraternidade está no coração do Evangelho.....	64
Ouvir o que o Espírito diz às Igrejas (cf. Ap 3,13).....	65

III – AGIR:

“Alarga o espaço da tua tenda” (Is 54,2)	67
---	----

CONCLUSÃO	74
------------------------	----

ANEXO 1: Subsídios da CF 2024	76
--	----

ANEXO 2: Documentários, filmes, músicas e poesias	79
--	----

ANEXO 3: Fundo Nacional de Solidariedade – FNS	81
---	----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83
---	----

APRESENTAÇÃO

O Tempo da Quaresma é um momento oportuno para vivermos a conversão exigida por Jesus: “Arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15). “A penitência do Tempo Quaresmal não deve ser apenas interna e individual, mas também externa e social. A prática da penitência, de acordo com as possibilidades de nosso tempo, as realidades de cada região e as condições dos fiéis” (SC, n. 110).

A Campanha da Fraternidade é, a cada ano, uma iniciativa concreta para realizarmos ações que testemunhem um profundo arrependimento e uma verdadeira conversão, em âmbito pessoal, comunitário, eclesial e social. Pois, “a Quaresma é o tempo de sacrifício e penitência, mas é também um tempo de comunhão e solidariedade (...) cada um dos homens, na verdade, é chamado a compartilhar realmente os sofrimentos e as desventuras de todos os demais. Assim, a esmola e o dom de si mesmo não devem ser atos isolados e ocasionais, mas sim a expressão de união fraterna entre todos”.¹

O Papa Francisco, na Encíclica *Fratelli Tutti*, anunciou ao mundo uma proposta firme de responsabilidade coletiva que pudesse levar a fraternidade e amizade social, perante os males que ameaçam a paz no mundo. Se a Quaresma é um tempo propício para nos defrontarmos, com mais intensidade, contra todas as formas de pecado, precisamos, em primeiro lugar, reconhecer que não estamos sozinhos nesta empreitada, quer dizer, temos a consciência dos males que pesam sobre toda a nossa família humana.

A Campanha da Fraternidade deste ano traz consigo “o convite a um amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço” (FT, n. 1), nos interpela à comunhão e solidariedade, mostrando que a conversão passa pela experiência da humildade, da aceitação do outro e da alegria do encontro que vem da ressurreição, como Jesus que pergunta a Pedro: “Simão, filho de João, tu me amas mais do que estes?” e Pedro responde: “Sim, Senhor, tu sabes que te amo” (Jo 21,15).

1 São Paulo VI, *Mensagem para a Quaresma de 1973*.

Com o tema, Fraternidade e Amizade Social, e o lema, “Vós sois todos irmãos e irmãs” (cf. Mt 23,8), queremos fazer um caminho quaresmal em três perspectivas: primeiro, VER as situações de inimizade que geram divisões, violência e destroem a dignidade dos filhos e filhas de Deus. Segundo, deixar-nos ILUMINAR pelo Evangelho que nos une como família e resgata o sentido das relações humanas baseados no respeito e na reciprocidade do bem comum. Terceiro, AGIR conforme a proposta quaresmal, em que nos esforçamos para uma mudança, não só pessoal, mas “alargando a tenda” (cf. Is 54,2), para transformações comunitárias e sociais, em busca de uma sociedade amiga, justa, fraterna e solidária.

“Verdade e amor, são os caminhos do Senhor”, canta-se no Salmo 24. Esse é o sentimento com o qual iniciamos mais uma Campanha da Fraternidade como proposta quaresmal de conversão. Anunciar a Verdade do Evangelho com toda a sua radical proposta de conversão e, ao mesmo tempo, fazer a experiência do amor de Cristo, da sua misericórdia, da sua bondade infinita, do seu perdão e compaixão que são eternas. Uma experiência que não é solitária e egoística, mas que nos une na mesma fé, de que Deus “criou todos os seres humanos iguais nos direitos, nos deveres e na dignidade, e os chamou a conviver entre si como irmãos”.²

Que Nossa Senhora Aparecida, em cujo ventre o Salvador foi gerado, possa nos acompanhar com sua presença materna, unindo os filhos dispersos e fortalecendo os vínculos de fraternidade e amizade social em toda humanidade.

Dom Jaime Spengler, OFM

Arcebispo de Porto Alegre (RS) e
Presidente da CNBB

**Dom João Justino de
Medeiros Silva**

Arcebispo de Goiânia (GO) e
1º Vice-Presidente da CNBB

**Dom Paulo Jáckson Nóbrega
de Sousa**

Arcebispo de Olinda e Recife (PE) e
2º Vice-Presidente da CNBB

Dom Ricardo Hoepers

Bispo Auxiliar de Brasília (DF) e
Secretário-Geral da CNBB

2 Papa Francisco; Ahmad Al-Tayyeb, **Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum.**

OBJETIVOS DA CF 2024

Objetivo geral:

DESPERTAR para o valor e a beleza da fraternidade humana, promovendo e fortalecendo os vínculos da amizade social, para que, em Jesus Cristo, a paz seja realidade entre todas as pessoas e povos.

Objetivos específicos:

1. **ANALISAR** as diversas formas da mentalidade de indiferença, divisão e confronto em nossos dias e suas consequências para toda a humanidade, inclusive na dimensão religiosa.
2. **COMPREENDER** as principais causas da atual mentalidade de oposição e conflito, geradora da incapacidade de ver nas outras pessoas um irmão e irmã.
3. **IDENTIFICAR** iniciativas de comunhão, reconciliação e fraternidade, capazes de estimular a cultura do encontro.
4. **REDESCOBRIR**, a partir da Palavra de Deus, a fraternidade, a amizade social e a comunhão como elementos constitutivos de todo ser humano.
5. **ACOLHER** o magistério da Igreja sobre a fraternidade universal, como ajuda ao discernimento nas inúmeras situações de conflito e divisão.
6. **APROFUNDAR** a compreensão da comunhão e da fraternidade como caminho para a realização pessoal e para a paz em todas as situações da vida.
7. **CONSCIENTIZAR** sobre a necessidade de construir a unidade em meio à pluralidade, superando divisões e polarizações.
8. **ESTIMULAR** a espiritualidade, os processos, os hábitos e as estruturas de comunhão na Igreja e na sociedade.
9. **INCENTIVAR** e **PROMOVER** iniciativas de reconciliação entre pessoas, famílias, comunidades, grupos e povos.

ORAÇÃO DA CF 2024

Deus **Pai**,
vós criastes todos os seres humanos
com a mesma dignidade.
Vós os resgatastes pela vida,
morte e ressurreição do vosso Filho, **Jesus Cristo**,
e os tornastes filhos e filhas, santificados no **Espírito**.

Ajudai-nos, nesta Quaresma,
a compreender o valor da amizade social
e a viver a beleza da fraternidade humana aberta a todos,
para além dos nossos gostos, afetos e preferências,
num caminho de verdadeira penitência e conversão.

Inspirai-nos um renovado compromisso
baptismal com a construção de um mundo novo,
de diálogo, justiça, igualdade e paz,
conforme a Boa-Nova do Evangelho.

Ensinai-nos a construir uma sociedade solidária,
sem exclusão, indiferença, violência e guerras.
E que **Maria**, vossa Serva e nossa Mãe,
nos eduque, para fazermos vossa santa vontade.
Amém!

PALAVRAS-CHAVE DA CF 2024

abertura, acolhida, compaixão,
comunidade, confronto, conversão,
convivência, descarte, diálogo,
empatia, exclusão, fraternidade,
indiferença, isolamento, ódio,
paz, penitência, proximidade,
reconciliação, respeito, tolerância,

amizade social,
amor político,
cancelamento digital,
cultura do encontro,
desenvolvimento integral,
espiritualidade de comunhão,
família humana,
fraternidade universal,
muros ou pontes,

amor além-fronteiras,
dignidade humana inalienável,
fraternidade aberta a todos.

HINO DA CF 2024

*Letra: Douglas Diego Palmeira Rocha
Música: David Melo Costa*

1. Conduzidos a este deserto, (cf. Mc 1,13)
Deus nos chama à libertação (cf. Ex 3,8; 20,2)
da indiferença e divisão:
“Onde está tua irmã, teu irmão?” (cf. Gn 4,9)
Eis a hora! O Reino está perto,
crê na Palavra e na conversão. (Mc 1,15)
- REFRÃO: “Vós sois todos irmãos e irmãs” (cf. Mt 23,8)**
é Palavra de Cristo, o Senhor;
pois a fraternidade humana
deve ser conversão e valor.
Seja este um tempo propício (cf. 2Cor 6,2)
para abrir-nos, enfim, ao amor!
2. A Quaresma nos chama a assumir
um amor que supera barreiras, (FT, n. 1)
desejando abraçar e acolher, (FT, n. 3)
se estendendo além das fronteiras, (FT, n. 99)
rompendo as cadeias que isolam,
construindo relações verdadeiras. (FT, n. 62)
3. Misericórdia, pecamos, Senhor, (Sl 50,3)
sem no outro um irmão enxergar.
Mas queremos vencer os conflitos,
pela cultura do encontro lutar. (FT, n. 30)
Em unidade na pluralidade,
um só Corpo queremos formar! (cf. 1Cor 12,12-31)
4. O Senhor nos propõe Aliança (Gn 9,8-15)
e nos trata com terno carinho. (Sl 102,4)
Superemos divisões, extremismos;
ninguém vive o chamado sozinho. (FT, n. 32)
Só assim plantaremos a paz:
“Corações ardentes e pés a caminho”. (cf. Lc 24,32-33)
5. “Alarga o espaço da tenda” (cf. Is 54,2)
e promove a amizade social, (cf. EG, n. 228)
vence as sombras dum mundo fechado,
construindo Igreja sinodal.
Convertidos, renovados veremos
novo céu, nova terra, afinal. (Ap 21,1-7)

F Bb/C F

1. Con - du - zi - dos a es - te de ser - to, Deus nos
 2. A Qua - res - ma nos cha - ma's - su - mir, um a -
 3. Mi - se - ti - cõr - dia, pe - ca - mos, Se - nhor, seu no -
 4. O Se - nhor nos pro - põe a - li - an - ça e nos e nos e pro -
 5. 'A - lar - ga o'es - pa - ço da ten - da'

4 F(#5) Bb Bm

cha - ma à li - ber - ta - ção da in - di - fe - ren - ça e di - vi -
 mor que su - pe - ra bar - rei - ras, de - se - jan - do a - bra - çar c'a - co -
 ou - tro'um ir - mão - en - xer - gar. Mas que - re - mos ven - cer os con -
 tra - ta com ter - no ca - ri - nho. Su - pe - re - mos di - vi - sões, ex - tre -
 mo - ve'a - mi - za - de so - ci - al, ven - ce'as som - bras dum mun - do fe -

7 F/C Dm Gsus4 G7 C

são: "On - de es - tá tu - a'ir - mã, teu ir - mão?" Eis a
 lher, se'es - ten - den - do a - lém das fron - tei - ras, rom -
 fli - tos, pe - la cul - tu - ra do'en - con - tro lu - tar. Em u - ni -
 mis - mos nin - guém vi - ve'o cha - ma - do so - zi - nho. Só as -
 cha - do, cons - tru - in - do l - gre - ja si - no - dal. Con - ver -

10 Gm/E A7 3 Dm Bb/D F/C Bb/C F

ho - ral O Rei - no'es - tá per - to, cre - na Pa - la - vra e na con - ver - são,
 pen - do'as ca - dei - as que'i - so - lam, cons - tru - in - do re - la - ções ver - da - dei - ras,
 da - de na plu - ra - li - da - de, um só Cor - po que - re - mos for - mar
 sim - plan - ta - re - mos a paz: "Co - ra - ções ar - den - tes e pés a ca - mi - nho"
 ti - dos, re - no - va - dos ve - re - mos no - vo cé, no - va ter - ra'a - fi - nal."

14 Bb/C F C/E 3 Dm Am Bb F/A Gm

R. "Vós sois to - dos ir - mãos e ir - mãs" é pa - la - vra de Cris - to, o Se - nhor; pois a

19 Csus4 C C/E C7 3 F F7

fra - ter - ni - da - de hu - ma - na de - ve ser con - ver - são e va - lor. Se - ja

23 Bb Bbm6 3 Am7(b5) D7 Gm C7 3 F

es - te um tem - po - pro - pi - cio pa - ra a - brir - nos, en - fim, ao a - mor

IDENTIDADE VISUAL DA CF 2024

FRATERNIDADE E AMIZADE SOCIAL

“Vós sois todos irmãos e irmãs”
(cf. Mt 23,8)



CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2024

24 de março - Domingo de Ramos:
Coleta Nacional da Solidariedade



1. **O Tema:** “Fraternidade e Amizade Social”, bem no alto do cartaz, recorda que este é o tema escolhido para a Campanha da Fraternidade 2024, pela qual seremos convidados a transformar a divisão em fraternidade; a substituir a indiferença e o ódio por amizade social;
2. **O Lema:** “Vós sois todos irmãos e irmãs” (cf. Mt 23,8) é a presença da Palavra de Deus, iluminadora da realidade em que vivemos e desafiadora da nossa conversão. Se, de fato, nos reconhecermos como somos, ou seja, como irmãos e irmãs de todos, certamente viveremos entre nós a fraternidade e a amizade social;
3. **A casa:** é o ambiente geral do cartaz. Casa, que é referência ao lar, onde gostamos de acolher os irmãos e amigos para a partilha do alimento e da vida. Casa, que é referência à Igreja, Casa de Deus que Ele quis estabelecer entre os seres humanos, para nos acolher, alimentar e celebrar nossa vida na sua. Casa, que é, enfim, referência à Terra, nossa Casa Comum, da qual devemos cuidar com responsabilidade fraterna em vista das gerações presente e futuras;
4. **A mesa:** à mesa gostamos de estar sempre rodeados de amigos, partilhando o alimento, a bebida, boas risadas e a vida concreta como ela é. A mesa remete também ao Sacramento da amizade de Deus conosco e de nós todos com Ele, pois Ele quis que celebrássemos essa amizade redentora ao redor de uma Mesa, com pão, vinho e fraternidade;
5. **As diversas personagens:** Cada uma com suas singularidades — etnias, condições físicas, idades etc. — todas se apoiam alegremente, dando expressão à fraternidade e à amizade social;
6. **As janelas:** As janelas abrem a cena para o mundo, para a realidade rural e urbana, especialmente para aqueles que estão privados da mesa de todos, da mesa da fraternidade e da amizade social. Abrem inclusive para o ambiente socio-ambiental, para a Criação.
7. **O Papa com sua bengala:** Francisco, assumindo suas limitações, é aquele que propõe para o mundo o tema da amizade social como absolutamente necessário para a nossa subsistência como seres humanos. A amizade social é dom de

Deus e tarefa nossa. Com seu amor fraternal, Francisco está sempre disposto a participar da nossa vida e ajudar-nos a construir pontes onde quer que estejamos;

8. **A cruz de Dom Helder:** presenteada a todos os Bispos presentes no 18º Congresso Eucarístico Nacional, em Olinda e Recife – PE, no mês de novembro de 2022, a cruz de Dom Helder, pendurada ao pescoço do Papa Francisco, nos recorda das semelhanças entre esses dois grandes homens de Deus e da nossa história. Recorda-nos também de que, há 60 anos a CF era celebrada e vivenciada pela primeira vez em âmbito nacional. Embora tenha sido criada por Dom Eugênio Sales, na Arquidiocese de Natal – RN, foi Dom Helder, então Secretário-Geral da CNBB, que envidou os esforços necessários para torná-la nacional, assumida por todas as Igrejas Locais do nosso imenso Brasil;
9. **Os alimentos:** Típicos da dieta mediterrânea, os alimentos que estão sobre a mesa recordam as refeições de Jesus. Foram muitas! Foram muito significativas! Foram ímpares! Cinco pães e dois peixes, o fruto da videira, o azeite, a romã e o cálice de vinho recordam a sua presença em meio à comunidade, fazendo da fraternidade a expressão da sua memória;
10. **A coleta:** por fim, o cartaz apresenta o convite à Coleta Nacional da Solidariedade, que acontecerá em 2024, no dia 24 de março, Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor. A Coleta Nacional da Solidariedade gera o Fundo Diocesano e o Fundo Nacional de Solidariedade que, com todos os seus recursos, socorre centenas de projetos sociais por todo o Brasil, especialmente aqueles ligados ao tema da CF.

LISTA DE SIGLAS

CDSI	Compêndio da Doutrina Social da Igreja
CIC	<i>Codex Iuris Canonici</i> : Código de Direito Canônico
DAp	Documento de Aparecida
Doc. CNBB 34	Pastoral da Penitência
DPb	Documento de Puebla
DH	<i>Dignitatis Humanae</i>
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
EN	<i>Evangelii Nuntiandi</i>
FT	<i>Fratelli Tutti</i>
GeE	<i>Gaudete et Exsultate</i>
GS	<i>Gaudium et Spes</i>
LS	<i>Laudato Si'</i>
NMI	<i>Novo Millennio Ineunte</i>
SC	<i>Sacrossanctum Concilium</i>

INTRODUÇÃO À CAMPANHA DA FRATERNIDADE

1. A Campanha da Fraternidade é, desde as suas origens, há 60 anos, **uma ação evangelizadora** da Igreja do Brasil, **uma expressão eloquente da necessária e desejada Pastoral de Conjunto**. Não é uma ação desta ou daquela pastoral, desta ou daquela comunidade, paróquia ou Diocese, mas de toda a Igreja Católica Apostólica Romana presente no território brasileiro e reunida na comunhão de seus Bispos, legítimos sucessores dos Apóstolos, na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

2. Visto que “evangelizar é renovar toda a vida da sociedade a partir de dentro, não de maneira decorativa, como aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade e até às raízes, à cultura e às culturas do homem, modificando, pela força do Evangelho, os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade” (cf. DPb, n. 338, 1239; EN, n. 18-20), podemos afirmar, com toda certeza, que **a CF é uma campanha de evangelização**.

3. Desde o início, lá em 1962, na Arquidiocese de Natal (RN), e depois, a partir de 1964, em todo o Brasil, nunca faltou à CF essa preocupação com o tema, para que, **em ambiente quaresmal, se alcance o coração dos cristãos, fazendo-lhes retornar ao coração do Evangelho**.

4. A CF tem clara consciência de ser **uma campanha quaresmal** — e assim foi desde o começo — que une em si as exigências da conversão, da oração, do jejum e da esmola vividas na linha de uma questão humana e social relevante para o país como um todo. Assim, esta campanha convoca os cristãos a uma maior participação nos sofrimentos de Cristo como possibilidade de auxílio aos pobres, iniciando na Quaresma e ressoando pelo ano todo (cf. Doc. CNBB 34, n. 4.3).

5. “A Campanha da Fraternidade é o modo brasileiro de celebrar a Quaresma. Ela não esgota a Quaresma. Dá-lhe, porém, o tom, mostrando, a partir de uma situação bem específica, o que o pecado pode fazer quando não o enfrentamos. Por isso, **a cada**

ano, recebemos um convite para viver a Quaresma à luz da Campanha da Fraternidade e viver a Campanha da Fraternidade em espírito de conversão pessoal, comunitária e social” (CF 2023: Texto-Base, Apresentação).

INTRODUÇÃO AO TEMA DA CF 2024: FRATERNIDADE E AMIZADE SOCIAL

6. A amizade, esse sentimento fiel de estima entre as pessoas, é um dom de Deus, um fenômeno humano universal, que nasce da livre oferta de si mesmo para abrir-se ao mistério do outro. É um caminho de humanização e de renovação das relações fraternas, que nos permite existir e viver com a responsabilidade e o compromisso de transformar a própria vida e a vida do outro. Como é bom ter amigos!

7. Os tempos atuais e o Papa Francisco nos desafiam a “ir além dos grupos de amigos e construir a amizade social, tão necessária para a boa convivência (...) [fugindo] da inimizade social, que só destrói (...). Isso nem sempre é fácil, principalmente hoje, quando parte da sociedade e da mídia se empenha em criar inimigos para derrotá-los em um jogo de poder. O diálogo é o caminho para ver a realidade de uma maneira nova, para viver com entusiasmo os desafios da construção do bem comum”³. “Como seria bom, salutar, libertador, esperançoso, se pudessemos trilhar este caminho! Sair de si mesmo para se unir aos outros (...).” (EG, n. 87).

8. Existem, contudo, palavras e expressões difíceis de comunicar em um único conceito. Amizade é uma delas. Há, igualmente, conceitos que, de tão usados e tão mal-usados, perdem a capacidade de expressar o que realmente significam. Fraternidade é um deles. Por isso, é muito importante que busquemos nos clássicos o conhecimento dos seus significados. A amizade no mundo clássico tem um papel central. É o modelo de todas as relações humanas pessoais, familiares, políticas e espirituais. Os gregos consideravam a amizade como hoje consideramos o amor.

9. Homero, chamado por Platão de “o educador de toda a Grécia”,⁴ não especifica em seus poemas⁵ o conceito de amizade, mas utiliza um vocabulário que nos leva a compreender a amizade

3 Papa Francisco, **Vídeo para a Rede Mundial de Oração pelo Papa (Apostolado da Oração).**

4 Platão, **A República**, 606e-607a.

5 *Iliada e Odisseia*

como a **relação humana que possui um vínculo de eleição e afeição recíprocas, fundado na confiança e na lealdade**, com fortes traços rituais e institucionais.⁶

10. Com o advento da *pólis* e sua diversidade étnica e intelectual, abre-se na sociedade grega um espaço de liberdade e espontaneidade; nas relações a personalidade e a subjetividade se fortalecem. Com **Sócrates** (470-399 a.C.), **a amizade ganha contorno pessoal e se restringe ao âmbito humano**. Uma vez que Sócrates não deixou escritos, são seus discípulos, especialmente Xenofonte (430-355 a.C.) e Platão (428-347 a.C.), que nos transmitem seu pensamento. Nos *Ditos e Feitos memoráveis de Sócrates*, Xenofonte afirma: “Os homens têm naturalmente o sentimento da amizade. Necessitam uns dos outros, capitulam à piedade, socorrem-se mutuamente, compreendem-se e se mostram gratos. (...) A amizade vence todos os obstáculos para unir os corações virtuosos: é que graças à virtude, preferem os homens possuir em paz haveres moderados a tudo dominar pela guerra”.⁷

11. Platão, em seus *Diálogos*,⁸ compreende a amizade em sua **dimensão transcendental**, como abertura das pessoas que se relacionam **para o belo, o bom e o verdadeiro**. Para ele, “a amizade é uma estrutura basilar, sua função é primordial para a reorganização sociopolítica de uma comunidade, servindo como tecido social que possibilita o fortalecimento de uma comunidade, pois impele os seus a serem virtuosos, a imitar aquele Sumo Bem. (...) Quando uma comunidade sofre de um mal que pode afetar o seu conjunto, ocasionando uma desestruturação, o caminho proposto por Platão para a sua reconstrução só pode se dar por meio de um grupo pequeno de homens com os mesmos ideais e valores, que sirva de célula germinal para um novo organismo”.⁹ Enfim, para Platão, **a amizade “é a forma fundamental de toda a comunidade humana que não seja puramente natural, mas sim uma comunidade espiritual e ética”**.¹⁰

6 Cf. Darlan Aurélio de Aviz. **Uma alma em dois corpos**: a amizade cristã como processo de humanização e manifestação do amor de Deus na Oração 43,14-24 de São Gregório Nazianzeno, p. 16-21.

7 Xenofonte, *Ditos e feitos memoráveis de Sócrates*.

8 Especialmente em *Lísis, Banquete e Fedro*, que versam sobre a amizade.

9 Darlan Aurélio de Aviz, *Op. cit.*, p. 26.

10 *Ibidem*.

12. Aristóteles (384-322 a.C.), o pensador antigo que mais refletiu sobre a amizade de maneira orgânica e sistemática, especialmente nos livros VIII e IX da sua *Ética a Nicômaco*, afirma: **“a amizade é o vínculo social por excelência, que mantém a unidade entre os cidadãos de uma mesma cidade,** ou entre companheiros de um grupo, ou entre os membros de uma empresa”.¹¹ Para ele a amizade social é uma virtude capaz de aperfeiçoar a natureza humana, posto que “no amigo encontramos um ‘outro eu’ que nos proporciona algo que nós mesmos sozinhos não podemos alcançar e sem ele não é possível dar início ao processo de humanização, uma vez que reconhece o outro como mediador, como aquele que me permite abrir para a alteridade”.¹² Para Aristóteles, a amizade verdadeira **não é provocada por uma paixão, mas motivada por um ato de eleição, ou seja, uma escolha da vontade que se segue à deliberação da inteligência.** Esta amizade é caracterizada pela sinceridade, pela fidelidade e pelo desinteresse, é oposta ao egoísmo, ao orgulho e à adulação. Amizade é amar o outro por si mesmo, por aquilo que ele é e não por aquilo que ele me pode oferecer. Para Aristóteles, só a amizade civil possibilita a vida virtuosa que frutifica na amizade perfeita. Por isso, na *Ética a Eudemo*, ele afirma que “a política deve ter por objetivo fomentar a amizade virtuosa”.¹³

13. Nas trilhas de Aristóteles, Santo Tomás de Aquino diz que todo homem é naturalmente amigo e familiar de todo homem¹⁴ e destaca que **a amizade, como uma virtude política, é necessária para o bem viver na sociedade.** Pois ela é fundamental para o florescimento da sociedade e a felicidade do ser humano que se relaciona com o outro. Ele indica, ainda, que a amizade é compreendida no âmbito da caridade, ou seja, como fruto da amizade com Deus que desborda na amizade dos seres humanos entre si.¹⁵

11 Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, livro IX, cap. 9, 1170b, 6-7. Aristóteles também afirma isso em *Idem. Grande Moral*, livro II, cap. 15, 1213a, 11, o que reitera sua compreensão.

12 AVIZ, Darlan Aurélio de. *Op. cit.*, p. 28.

13 Aristóteles, *Ética a Eudemo*, livro VII, 1234b, 22-23.

14 Cf. São Tomás de Aquino, *Comentário à Ética a Nicômaco de Aristóteles*, VIII, l. 1, n. 1082, p. 454.

15 Cf. *Idem, Suma Teológica*, II-II, q. 23, art. 1; q. 24, art. 12; q. 25, art. 3-4; q. 26, art. 2; q. 106, art. 1, n. 3; III, c. 95; *Idem, Comentário às Sentenças de Pedro Lombardo*, III, d. 29, q. 1, art. 2, 3 e 6.

14. Não obstante tudo isso, **os filósofos** contratualistas¹⁶ da **modernidade** abandonaram o tema clássico da amizade e **tentaram lançar diversos outros fundamentos para a vida em sociedade**. Thomas Hobbes (1588-1689), por exemplo, ao retomar o dramaturgo romano, Plautus (254-184 a.C.), e afirmar que “o homem é o lobo do homem”,¹⁷ coloca **o medo** recíproco como fundamento do Estado; Carl Schmitt (1888-1985) afirmou, no início do século XX, que **o binômio amigo-inimigo** era determinante para a política; Henri Bergson (1859-1941) lançou, em 1932, **o conceito de “sociedade fechada”**,¹⁸ contestado em 1945 por Karl Popper (1902-1994), com a obra “A sociedade aberta e seus inimigos”.¹⁹

15. É nesta esteira²⁰ que, às vésperas da festa de São Francisco de Assis de 2020, o **Papa Francisco** lançou a Carta Encíclica ***Fratelli Tutti***, na qual, inspirado pela vida do Santo, pela reflexão conjunta com o Imã Ahmad Al-Tayyeb e por numerosas cartas e documentos recebidos de pessoas e grupos de todo o mundo (cf. FT, n. 5), apresenta o seu **projeto de fraternidade, baseado na amizade social e no amor político, tendo o diálogo como caminho necessário para a cultura do encontro**.

16. Mas, **o que é amizade social**? Deixemos que o próprio Papa Francisco nos responda: **amizade social é** “amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço” (FT, n. 1); **amizade social é** “uma fraternidade aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas, independentemente da sua proximidade física” (FT, n. 1); **amizade social é** um amor “desejoso de abraçar a todos” (FT, n. 3); **amizade social é** “comunicar com a vida o amor de Deus, recusando impor doutrinas por meio de uma guerra dialética” (cf. FT, n. 4); **amizade social é** viver livre “de todo desejo de domínio sobre os outros” (FT, n. 4); **amizade social é** “o amor que se estende para além das fronteiras” (FT, n. 99), “para todo ser vivo” (FT, n. 59);

16 Aqueles que defendiam que o homem e o Estado fizeram uma espécie de acordo — um contrato —, a fim de garantir a sobrevivência.

17 Tomas Hobbes, *O Leviatã*.

18 Henri Bergson, *Les deux sources de la morale et de la religion*.

19 Obra de filosofia política publicada pela primeira vez em Londres, pela editora Routledge, em 1945. Nela K. Popper acusa Platão, Hegel e Marx de totalitários, por confiarem no historicismo para sustentar as suas filosofias políticas e debruça-se, ainda, sobre três paradoxos: o paradoxo da tolerância, o paradoxo da liberdade e o paradoxo da democracia.

20 Aqui percorremos de forma brevíssima o percurso da filosofia clássica e ocidental. No subsídio “Fraternidade e Amizade Social na Amazônia” será possível conhecer como nossos povos originários da Amazônia Brasileira tratam o tema da Fraternidade e da Amizade Social.

amizade social é o “amor que rompe as cadeias que nos isolam e separam, lançando pontes; o amor que nos permite construir uma grande família na qual todos nós podemos nos sentir em casa (...). Amor que sabe de compaixão e dignidade” (FT, n. 62); **amizade social** é a nossa “vocação para formar uma comunidade feita de irmãos que se acolhem mutuamente e cuidam uns dos outros” (FT, n. 96); **amizade social** é “a capacidade diária de alargar o meu círculo, chegar àqueles que espontaneamente não sinto como parte do meu mundo de interesses, embora se encontrem perto de mim” (FT, n. 97); **amizade social** é “o amor [que] implica algo mais do que uma série de ações benéficas. As ações derivam de uma união que propende cada vez mais para o outro, considerando-o precioso, digno, aprazível e bom, independentemente das aparências físicas ou morais. O amor ao outro por ser quem é impele-nos a procurar o melhor para a sua vida. Só cultivando essa forma de nos relacionarmos é que tornaremos possível aquela amizade social que não exclui ninguém e a fraternidade aberta a todos” (FT, n. 94).

17. Como vimos, **a amizade social é o amor presente nas relações sociais**; é o amor como base da relação entre as pessoas e os povos; é o amor feito cultura. E “o amor coloca-nos em tensão para a comunhão universal. Ninguém amadurece nem alcança a plenitude isolando-se. Por sua própria dinâmica, o amor exige uma progressiva abertura, uma maior capacidade de acolher os outros, em uma aventura sem fim, que faz convergir todas as periferias rumo a um sentido pleno de mútua pertença. Disse-nos Jesus: ‘Todos vós sois irmãos’ (Mt 23,8)” (FT, n. 95).

18. Conjugando os conceitos de amizade e sociedade, retomando a amizade social aristotélico-tomista, o Papa Francisco quer não apenas apontar a valorização da vida em todas as suas etapas e condições (cf. GeE, n. 101) como fundamental para qualquer desenvolvimento social possível, mas também acentuar que **a verdadeira valorização da vida se dá quando esta não é compreendida à parte da sociedade** (cf. FT, n. 111). Tal separação, tão comum ao modelo socioeconômico neoliberal, gera a categoria dos supérfluos, base para o que o Papa chama de “cultura do descarte” (cf. FT, n. 18-19). Migrantes, pobres, velhos, pessoas com deficiência, nascituros, desempregados são suas primeiras vítimas. **A amizade social é uma convocação a valorizar o direito à vida, o direito ao seu desenvolvimento integral**, sobrepondo-se ao individualismo utilitarista, que fecha as pessoas à transcendência

de si mesmas, que surge na interação social. **A amizade social é, para Francisco, o antídoto contra um ser humano fechado em si mesmo e, conseqüentemente, contra um mundo fechado aos vulneráveis e “improdutivos”.** Para tanto, é absolutamente necessário que o valor recaia na pessoa humana, com a qual se relaciona socialmente, e não no produto dessa relação.

19. Ao usar amizade social como subtítulo da sua Encíclica, o Papa manifestou o desejo de **alargar este conceito e elevá-lo ao nível de realmente acolher a todos**, com a inclusão dos pobres, dos abandonados, dos doentes e dos últimos da sociedade, com a prática comprometida da solidariedade humana. Francisco exemplifica o que entende por amizade social: relações internacionais livres, unidade das nações, necessidade de agir e sonhar coletivamente, com visão solidária e abertura aos interesses de todos e que os poderes econômicos estejam voltados ao bem comum (cf. FT, n. 13-14).

20. O ponto de partida é o reconhecimento fundamental “de **quanto vale um ser humano**, (...) sempre e em qualquer circunstância” (FT, n. 106), considerando-o precioso e digno de todo o cuidado. Só exercitando essa visão da vida é que concretizaremos uma fraternidade aberta a todos. Precisamos, para isso, de transpor as cômodas fronteiras que nos dão segurança e tranquilidade. O desafio de Francisco é irmos ‘mais além’, percebendo, por exemplo, que a **amizade não é um clube exclusivo, mas uma escola onde treinamos competências a serem universalmente aplicadas**. Os amigos que só cuidam dos seus amigos reduzem o horizonte da amizade. E, do mesmo modo, quando as famílias apenas se preocupam com o bem dos seus, esgotando aí a sua responsabilidade humana, algo de decisivo fica por se cumprir. O mesmo vale para um país que, sob a lógica do amor, não pode deixar de cuidar de todos os seus cidadãos, especialmente dos mais fragilizados. A experiência da amizade, construída no amor, deve também servir para abrir o coração ao que está ao redor, tornando-nos sensíveis a essa realidade, envolvendo-nos na sua qualificação ética, dotando-nos da generosidade de sairmos de nós mesmos para acolhermos a todos. Não existimos no vazio, mas em um contexto amplo e diversificado de relações pelo qual somos corresponsáveis.²¹

21 Cf. Pe. Raul Pache de Paiva, SJ, “Amizade Social”?

21. “O amor social se traduz em atos de caridade que criam instituições mais sadias e estruturas mais solidárias. Estruturar a sociedade, por exemplo, ‘de modo que o próximo não venha a se encontrar na miséria’ é um ato de caridade que, segundo o Papa, tem a conotação de ‘amor político’. A política é o mais alto grau da caridade, afinal dar de comer a um desempregado é expressão de amor, mas assegurar o direito de trabalho a muitos, pela ação política, é expressão intensa de amor, porque os emancipa e os dignifica. Embora a caridade política englobe a todos, ‘o núcleo do autêntico espírito da política’ é o ‘amor preferencial pelos últimos’. Por isso, o Papa Francisco propõe à humanidade, particularmente às lideranças religiosas e políticas, a construção da cultura do diálogo, da reconciliação e da paz, atuando juntos em favor do bem comum e a promoção dos mais pobres. Assim se expressa o Papa, demonstrando a necessidade de toda a humanidade abraçar a causa da fraternidade universal para superar seus perpétuos conflitos culturais, econômicos e políticos, que se manifestam até mesmo na forma de ‘guerras fratricidas’”.²²

22 Reginaldo Andrietta. Fraternidade e Amizade Social.

- 1 -

VER:

Onde está o teu irmão? (Gn 4,9)

¹O homem conheceu Eva, sua mulher, e ela engravidou e deu à luz Caim, dizendo: “Ganhei um filho homem, graças ao Senhor”. ²Ela tornou a dar à luz e teve Abel, irmão de Caim. Abel tornou-se pastor de ovelhas e Caim, agricultor. ³Tempos depois, aconteceu que Caim trouxe frutos do solo para oferecer ao Senhor. ⁴Abel, por sua vez, trouxe os primogênitos do seu rebanho e a gordura deles. E o Senhor se agradou de Abel e de sua oferta, ⁵mas de Caim e de sua oferta não se agradou. Caim ficou muito irritado e com o rosto abatido. ⁶Então o Senhor perguntou a Caim: “Por que andas irritado e com o rosto abatido? ⁷Porventura, se agires bem, não serás aceito? Mas, se não agires bem, o pecado espreitará à tua porta. Ele te deseja, mas tu deves dominá-lo”. ⁸Caim falou ao seu irmão Abel: “Vamos ao campo!” Logo que estavam no campo, Caim atirou-se sobre seu irmão Abel e o matou. ⁹O Senhor perguntou a Caim: “**Onde está Abel, teu irmão?**” Ele respondeu: “Não sei. Acaso sou o guarda do meu irmão?” (Gn 4,1-9)

22. “Com a sua pergunta, Deus coloca em questão todo tipo de determinismo ou fatalismo que pretenda justificar, como única resposta possível, a indiferença. E, em contrapartida, habilita-nos a criar uma cultura diferente, que nos conduza a **superar as inimizades e a cuidar uns dos outros**” (FT, n. 57).

23. Sabemos que, ao longo de sua história, a Campanha da Fraternidade tem abordado vários temas, todos muito concretos, diretamente ligados à vida das pessoas, das comunidades e, é claro, de todo o povo brasileiro. Sabemos que **a amizade social é um valor em si mesma e um dom de Deus aos seres humanos**. A Campanha da Fraternidade, que, tradicionalmente, é um forte convite à conversão, ao trazer este tema, nos faz refletir sobre o quanto podemos melhorar a nós mesmos e o mundo. Posto

que na vida os desafios sempre nos levam a somar forças e nos ajudar mutuamente, somos chamados a nos perguntar: a que a Campanha da Fraternidade desse ano nos convoca a efetivamente nos convertermos?

Somos todos irmãos

24. Nossa fé nos recorda de que somos todos irmãos e irmãs, possuidores da **mesma dignidade**, o que nos dá uma **igualdade fundamental**, uma vez que “dotados de alma racional e criados à imagem de Deus, todos temos a **mesma natureza e origem**; e, remidos por Cristo, todos temos a **mesma vocação e destino**” (cf. GS, n. 29). Viemos da Trindade e a ela voltaremos. Por isso, São Paulo, adverte os gálatas: “Com efeito, vós todos sois filhos de Deus pela fé no Cristo Jesus. Vós todos que fostes batizados em Cristo vos revestistes de Cristo. Não há mais judeu ou grego, escravo ou livre, homem ou mulher, pois **todos vós sois um só, em Cristo Jesus**” (Gl 3,26-28).

25. Certo é que, “pela variada capacidade física e pela diversidade das forças intelectuais e morais nem todos os homens se equiparam” (cf. GS, n. 29). Aliás, resguardada a igualdade fundamental, somos muito distintos na forma física, no modo de pensar e agir, nas opções de vida, no relacionamento interpessoal e com o Transcendente, nas escolhas que vão desde o modo de vestir, o time pelo qual torcer até a forma de governo que desejamos para o nosso país. Somos **diferentes!** E nossas diferenças não são, em si, um problema. São nossa riqueza! Às vezes, somos **divergentes!** Terrível seria se pensássemos todos da mesma maneira. E há pessoas que são até **opponentes!** Ou seja, ao nosso ver limitado, sua existência não tem nenhuma função a nosso favor, entendemos falsamente que sua existência é contrária à nossa.

26. No entanto, nem as diferenças, nem as divergências, nem a oposição devem nos impedir de cumprir o mandamento maior que Jesus nos deixou como seu testamento: “Eu vos dou um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros. **Como eu vos amei, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros**” (Jo 13,34), ainda que ele comporte a exigência que nos qualifica como cristãos: “**Amai os vossos inimigos** e orai pelos que vos perseguem” (Mt 5,44). Especialmente para o seguidor e a

seguidora de Jesus, principais interlocutores do Mestre nessas passagens dos Evangelhos, o amor é mandamento fundamental e um critério central para guiar nossas escolhas e o modo como nos relacionamos com cada pessoa em nosso dia a dia. As palavras de Jesus Cristo estão, de fato, profundamente presentes em nossa vida, guiando-nos em cada situação? Lembramos sempre da singular dignidade que cada ser humano possui, mesmo quando a realidade visível é intensamente desafiante e parece ofuscar tal dignidade?

27. O pecado nos distancia do projeto de Deus e faz-nos enxergar as diferenças, divergências e oposições não como riquezas, oportunidades ou mesmo obstáculos a serem superados, mas como características dos inimigos a serem abatidos. É preciso que fique muito claro que **a subjetividade é um valor, as diferenças não são um problema e a solução não é a homogeneidade de pensamento.**

28. Em verdade, **“deve-se eliminar**, como contrária à vontade de Deus, **qualquer forma social ou cultural de discriminação**, quanto aos direitos fundamentais da pessoa, por razão do sexo, raça, cor, condição social, língua ou religião” (cf. GS, n. 29). Que direitos? Esses direitos são: “alimento, o vestuário, a habitação, o direito a escolher livremente o estado de vida e de constituir uma família, o direito à educação, ao trabalho, à boa fama, ao respeito, à conveniente informação, o direito a agir segundo a reta norma de sua consciência, o direito à proteção da vida particular e à justa liberdade, também em matéria religiosa” (GS, n. 26).

29. O outro é sempre um irmão, uma irmã que precisamos **acolher, conhecer e apreciar.** Suas particularidades, por vezes estranhas, podem até mesmo nos enriquecer. Mas, mesmo que isso não ocorra, ele não pode ser transformado em um inimigo a ser eliminado. Conforme já nos ensinaram as Campanhas da Fraternidade de 2022 e de 2023, precisamos nos educar para a capacidade de reconhecer e promover a dignidade das pessoas, para a superação de atitudes apedrejadoras e consumistas, que objetificam os outros e nos impedem de contemplar sua beleza original, sua grandeza de filho ou filha muito amados por Deus e criados à sua imagem e semelhança (*imago Dei*).

30. “Ainda que a epistemologia contemporânea nutra certas resistências às fundamentações de cunho ontológico para a

realidade, dado que elas não são, a princípio, manipuláveis empiricamente, a doutrina da *imago Dei* possui uma destacada força crítica diante da realidade social. Em última instância, ela é um ataque frontal ao feminicídio, à xenofobia, ao racismo, à pobreza econômica, à violência sexual, psicológica, etc. (...) a *imago Dei* é uma das fontes mais perenes de combate à naturalização da tortura, da desigualdade social, do subemprego, do tráfico de pessoas, da exploração de classe, da corrupção, da falta de segurança pública e da falsa segurança pública, enfim, de tudo aquilo que degrada concretamente a dignidade integral da pessoa humana, sendo um grito contra a injustiça que se alastra”.²³

31. Aquele que diverge de mim é alguém que, tanto quanto eu, tem direito de existir. Mas não só! Tem o direito de divergir, de ser diferente, de pensar diferente, de agir diferente. Por isso, nunca deve ser visto como um oponente a ser vencido, abatido, mas sempre como um irmão, uma irmã, pois **o ideal cristão é a inclusão, a cooperação e a comunhão e não a indiferença, o combate e a eliminação.**

Sinais de divisões e inimizades, sombras de um mundo fechado

32. Em nossos dias, observamos diversas situações que muito nos angustiam. Encontramos, por exemplo, assédio moral e sexual, defesa do aborto, devastação ambiental, feminicídios, *bullying*, intolerância religiosa, algumas vezes com perseguição e destruição, tráfico de drogas, tráfico de pessoas, apologias ao armamentismo, situações análogas à escravidão, discurso de ódio, corrupção e fome, esta última tema da Campanha da Fraternidade de 2023.

33. Infelizmente, na sociedade em que vivemos, imperam cada dia mais a intolerância e o conseqüente desejo de eliminar o diferente, seja uma eliminação real (homicídio), seja uma eliminação virtual (cancelamento). Esta realidade é tão fortemente presente que podemos caracterizar a nossa cultura como a **cultura do cancelamento**. As redes sociais têm sido terreno fértil para

23 Elvis Rezende Messias. Redescobrir a doutrina social da Igreja hoje: contribuições fundamentais a partir da Pacem in Terris, p. 52-53.

essa cultura. O esvaziamento da força do diálogo na comunicação, por causa das ferramentas redutivas que promovem a superficialidade nas redes sociais, amplificou a intolerância e o ódio.

34. Não são poucas as pessoas que têm experimentado **divisões** dentro da própria família, **separações** que procedem, por exemplo, de escolhas políticas. Algumas comunidades se sentiram atingidas por **conflitos** durante celebrações, pelo **afastamento** de pessoas e pelo rancor entre amigos de longa data, **inimizades** que permanecem até hoje.

35. Esta rejeição do diferente pode dar-se a partir de um princípio **etnorracial** e então queremos eliminar todo aquele que é diferente da nossa raça. É o que chamamos racismo! Pode dar-se no âmbito **social** e assim a rejeição se dá entre os que têm e os que estão sem: sem-terra, sem-teto, pessoas em situação de rua... Pode acontecer por uma questão de **sexualidade** e aí as mulheres são, normalmente, as eliminadas: é o feminicídio tão praticado no Brasil! Dá-se também no campo **político**, onde prefere-se a parte ao todo, o lado ao bem comum, empenhando-se em minar o outro e seus projetos, mesmo que isso exija renunciar ao bom senso e à lucidez.

36. No âmbito **religioso** não é diferente. Quanta violência já se praticou e se pratica em nome da religião. Violência que é fruto do desejo fundamentalista de eliminar o outro, de eliminar aquele que compreende Deus de uma forma diferente da minha. No entanto, o Concílio Vaticano II já afirmava: “Todos os homens devem estar livres de coação, quer por parte dos indivíduos, quer dos grupos sociais ou qualquer autoridade humana; e de tal modo que, em matéria religiosa, ninguém seja forçado a agir contra a própria consciência (...) O direito à liberdade religiosa se fundamenta na própria dignidade da pessoa humana, que a Palavra revelada de Deus e a própria razão dão a conhecer” (cf. DH, n. 2). Precisamos estar atentos: entre os cristãos, que deveriam ser conhecidos pelo amor mútuo (cf. Jo 13,35), têm sido difundidas palavras e atitudes de difamação, perseguição, calúnia e ódio, estabelecendo relações de inimizade a partir das quais uma pessoa se vê como maior e melhor que a outra. Entre nós não deve ser assim, ensina-nos Jesus (cf. Mt 20,26; Mc 10,43; Lc 22,26).

37. Os **grupos fechados**, que se constituem na prática como um **‘nós’ contraposto ao mundo**, rapidamente se tornam uma

desculpa para o egoísmo social e a autoproteção dos seus interesses. Quer em relação aos bens materiais, quer àqueles culturais, afetivos ou espirituais, somos desafiados a implementar o sentido social, fraterno, amoroso em relação aos bens possuídos, que para Francisco consistem no seguinte: “guardo e cultivo algo que possuo, a fim de que possa ser uma contribuição para o bem de todos” (FT, n. 143). E o Papa não tem dúvidas: os heróis do futuro serão aqueles que souberem esquecer a lógica dos seus interesses, decidindo-se por romper o cerco atual da indiferença, para sustentar, amigável e universalmente, uma palavra repleta de verdade humana. A “amizade social” é uma categoria que se enquadra no âmbito da fraternidade, da prática comprometida da solidariedade e de uma ativa compaixão.²⁴

38. Observamos igualmente o **uso** e a **exploração** do outro como mercadoria, **juízos** precipitados, **rejeição** gratuita, **ódio** desmedido, **combate** a pessoas por causas de suas ideias e propostas e a banalização da **morte**, tudo isso somado a algumas situações que nos deixam ainda mais perplexos, como a morte de crianças em creches e escolas atacadas por jovens e adultos armados. A divulgação de mensagens discriminatórias e intolerantes, “a violência latente, explícita e crescente, potencializada pela flexibilização da posse e porte de armas que ameaçam o convívio humano harmonioso e pacífico na sociedade”²⁵ além da crença enganosa de que a solução para todas essas formas de violência está nas armas acabam conduzindo a estas tristes páginas escritas em nossa história.

39. Boas políticas não devem naturalizar a violência como solução para a sensação da falta de segurança pública presente em tantas pessoas e lugares. Assim como o Papa Leão XIII, com a Encíclica *Rerum Novarum* (1891), compreendeu e ensinou que a difusão da luta de classes correspondia a uma falsa solução para os problemas da condição deplorável que o industrialismo capitalista gerava ao operariado, **hoje também se faz necessário afirmar com clareza que a “cultura das armas” é uma falsa solução para a condição de insegurança social.** Como ensina o Papa Francisco, “a desigualdade social gera uma violência que as corridas armamentistas não resolvem nem poderão

24 Cf. Pe. Raul Pache de Paiva, SJ, *Op. cit.*

25 Cf. CNBB, *Mensagem da CNBB ao povo brasileiro sobre o momento atual.*

resolver jamais. Servem apenas para tentar enganar aqueles que reclamam maior segurança, como se hoje não se soubesse que as armas e a repressão violenta, mais do que dar solução, criam novos e piores conflitos” (EG, n. 60). **É tempo de anunciarmos o Evangelho da Paz**, daquela paz que o Senhor Jesus nos oferece e que não é a mesma que o mundo nos dá (cf. Jo 14,27). Ora, “esperar que a cultura das armas seja o caminho para a cultura da paz pode ser sinal de desespero e, talvez, até mesmo de perda do sentido da transcendência e da dignidade integral ontológica teológica da pessoa humana. (...) Ousado não é possuir e portar arma. Ousado é ainda acreditar e professar fé em um Deus de Paz, reconhecendo todo ser humano como sua imagem e semelhança, e ainda ter esperança nessa visão teológico-antropológica da pessoa humana”.²⁶

40. Até mesmo nas relações entre o ser humano e as demais criaturas, alimentamos este nefasto desejo de rejeitar o diferente e, depois de banirmos o sentido da nossa pertença a uma mesma família humana, negamos nossa pertença a uma **Casa Comum**, que exige de nós responsabilidade e cuidado, e a destruímos, colocando em perigo a nossa própria existência (cf. LS, n. 70).

41. Além desses exemplos, Papa Francisco aponta ainda a perda do sentido da história e dos grandes temas; o esvaziamento interesseiro dos projetos comunitários; a cultura do descarte, inclusive de pessoas humanas; a redução dos direitos humanos a uma elite e não para todos; a deterioração da ética; o enfraquecimento dos valores espirituais e do sentido da responsabilidade; a perda da responsabilidade fraterna no que tange às migrações; a agressividade social; o excesso de informação, sem sabedoria e a autodepreciação cultural (cf. FT, cap. 1). O fato é que **as pessoas já não são vistas como um valor primário a se respeitar e tutelar**, especialmente se são pobres ou deficientes, se ainda não servem, como os nascituros, ou já não servem, como os idosos (FT, n. 18). Em consequência, o relacionamento fraterno deixa de ser uma consequência desse valor primário. Afinal, somos co-humanos, ou seja, vivemos uns para os outros e todos para Deus.

26 Elvis Rezende Messias. *A Paz, dignidade humana e desarmamento integral: uma compreensão à luz do ensino social católico*, p. 415.

Marcas da nossa sociedade

42. Nossa sociedade, hoje, está **dividida**. Poderíamos ser apenas diferentes, mas nos dividimos, erguemos muros de separação entre nós, e, muitas vezes, erigimos o diferente como inimigo, para justificarmos sua eliminação.

43. Como se não bastasse a divisão, vivemos em uma sociedade absolutamente **desigual**. E o fosso da desigualdade profunda a divisão. Pessoas que antes, não obstante a sua pobreza, conseguiam ajudar um familiar ainda mais pobre, hoje romperam o contato, pois já não são capazes de repartir o pouco que têm. E a culpa não é delas, mas de um sistema econômico que sobrevive à custa dos sacrifícios humanos.

44. Segundo a mentalidade corrente, quanto mais cedo conseguirmos eliminar aqueles que são improdutivos e, por isso, um peso para a sociedade (desempregados, pobres, doentes, idosos...), mais rápido conseguiremos elevar o nível de vida para aqueles que são produtivos e contribuem com a sociedade.

45. Ainda mais, nossa sociedade é **excludente**. Abaixo dos considerados improdutivos, encontramos os excluídos, aqueles que a sociedade não quer nem ver, para nem se lembrar da sua existência. São as pessoas em situação de rua, os encarcerados, os refugiados...

46. Infelizmente, essas marcas não estão distantes de nós que professamos a fé cristã, contrária a tudo isso. Para percebermos a presença dessas marcas em nós, basta que nos perguntemos sincera e honestamente, em tom de **exame de consciência**: Com quantos amigos ou familiares rompi relações e estabeleci divisões por razões ideológicas? Quantas pessoas descartadas pela sociedade eu ajudo a viver dignamente? Quantos amigos eu tenho entre as pessoas em situação de rua, nos cárceres ou refugiados?

47. “Neste mundo que corre sem um rumo comum, respira-se uma atmosfera em que **‘a distância entre a obsessão pelo próprio bem-estar e a felicidade da humanidade partilhada parecem aumentar: até fazer pensar que, entre o indivíduo e a comunidade humana, já esteja em curso um cisma.** (...) Porque uma coisa é sentir-se obrigado a viver junto, outra é apreciar a riqueza e a beleza das sementes de vida em comum que devem ser procuradas e cultivadas em conjunto’. A tecnologia avança continuamente, mas ‘como

seria bom se, ao aumento das inovações científicas e tecnológicas, correspondessem também uma equidade e uma inclusão social cada vez maiores! Como seria bom se, enquanto descobrimos novos planetas longínquos, também descobríssemos as necessidades do irmão e da irmã que orbitam ao nosso redor!” (FT, n. 31)

A crise do pertencimento e a questão das identidades

48. Há muito já se fala de uma “**mudança de época**” (cf. DAp, n. 44), ou seja, de que estamos atravessando uma **importante modificação no modo como se estruturam as relações, as percepções, a interação dos indivíduos e suas posturas em relação a questões mais abrangentes**, em nível socioambiental. Vivemos um ponto de inflexão, ou, para utilizarmos uma linguagem matemática, um salto exponencial, entre avanços cada vez mais velozes da tecnologia — e, com ela da ciência em geral — e a linearidade da percepção humana orientada por um aparelho intelectual orgânico. Os processos comunicativos que determinam o modo de expressão das subjetividades em relação à objetividade que as cerca, pressupõe uma relação com os outros, exige a construção de uma intersubjetividade como espaço de formulação de sentidos e significados. Em última análise, de construção da própria identidade.

49. Ocorre que, se no passado esses processos de interação se davam organicamente, em ritmo lento, **as facilidades alcançadas pelo advento das tecnologias midiáticas impactaram a percepção dos indivíduos tanto acerca do tempo** (vivemos submetidos a constante correria) **quanto do espaço** (vivemos em uma “aldeia global”, relacionamo-nos com pessoas da Indonésia, mas não conhecemos o vizinho do mesmo andar ou a vizinha da casa ao lado). Tais mudanças têm fortes implicações simbólicas, entre as quais destacamos a questão da estabilidade da identidade e a crise do pertencimento.

50. Identidade deixou de ser sinônimo daquilo que permanece, é seguro e sólido e passou a expressar-se pela *performance*, como interpretação, como resultado de uma composição complexa, plástica, altamente maleável e dinâmica. Vivemos — sem juízo de valor — uma **crise da estabilidade da identidade**.

51. Consequência imediata é **crise dos pertencimentos**, isto é, em nome da ênfase nas identidades parece ter-se enfraquecido radicalmente a referência à comunidade. Cada vez mais os indivíduos ensaiam posições e papéis submetidos ao crivo, única e exclusivamente, de seu engajamento individual. Consequentemente, os modelos de associação e de participação que orientaram a dinâmica social das últimas décadas, para não dizer do último século, entraram em colapso. E isso é sentido em todos os âmbitos da vida social, mas de forma especial nas instituições que mantinham e determinavam o sentido da coletividade. É daí que vem a crise sofrida por instituições consagradas como a família, a escola, a religião, a política, os sindicatos. Agora são os indivíduos que questionam os seus próprios líderes, sem que isso lhes desfigure o sentido de participação, de uma pertença que é cada vez mais alheia ao engajamento efetivo e não conseguem promover novas formas participativas de construção social.

52. No campo social e político, essa crise dos pertencimentos gera um fenômeno comumente chamado de **identitarismo** que, cada vez mais, se aproxima do sectarismo. A partir dessa “nova pertença”, muitos setores, inclusive religiosos, têm construído uma política de exclusão e antagonismo, que impede o diálogo e a superação de divergências. Erguem-se bandeiras identitárias e estas, sem nenhuma autocrítica, querem impor-se sobre o bem comum da sociedade, obtendo-se como resultado a intolerância e a violência.

A Síndrome de Caim

53. A Campanha da Fraternidade deste ano não trata, portanto, de um ou outro tema dos que foram aqui recordados. Todos, é verdade, são graves e merecem nossa atenção. A Campanha da Fraternidade quer nos **indagar sobre o motivo pelo qual estamos vivenciando um tempo em que a vida, as pessoas e as relações humanas experimentam tanta agressão, tantas ameaças.** Existe algo que seja comum a todas essas tristes situações? Há algum aspecto que esteja facilitando e alimentando o surgimento e a manutenção de um mundo com tantas formas de ódio e de aversão ao próximo?

54. Em um olhar não apenas sobre o Brasil, mas sobre o mundo, o Papa Francisco chama nossa atenção para o que ele

denominou como **“terceira guerra mundial em pedaços”**.²⁷ Isso significa que estamos vivendo um tempo em que a individualização, a separação e a divisão se tornaram critérios determinantes a ponto de não valorizarmos mais a vida de cada pessoa e de todas as pessoas. Em 2013, o Papa Francisco alertava o mundo sobre o que então chamou de **“globalização da indiferença”** (EG, n. 54), lembrando que as dores de tantos seres humanos já não desperjavam preocupação, porque não eram nem mesmo percebidas.

55. Ao que tudo indica, os fatos observados pelo Papa há uma década agravaram-se, fazendo com que estejamos em um mundo que vive o que se poderia chamar de síndrome de Caím. **Não só não nos sentimos mais responsáveis uns pelos outros como também, ainda que não nos expressemos desse modo, desejamos que as pessoas que pensam diferentemente de nós desapareçam, isto é, sejam na prática exterminadas.**

56. Vivemos, portanto, em um tempo em que a diferença passou a ser vista como inimizade e, mais grave ainda, como ameaça. O adversário virou inimigo. Diante desse fato, a primeira atitude é a do **afastamento**, a da dificuldade em superar as desavenças e buscar a reconciliação. Quando essa atitude se torna ainda mais aguda, deparamo-nos com propostas e mesmo posturas de **combate, destruição e morte**. “Isso — diz o Papa Francisco — favorece o efervescimento de formas insólitas de agressividade, com insultos, impropérios, difamação, afrontas verbais que chegam a destroçar a figura do outro (...)” (FT, n. 44).

57. Não podemos nos esquecer de que “antes de ser uma tarefa para o homem, a paz é um atributo divino. Quem quiser construir a paz sem Deus, esquece que já não vivemos no paraíso, mas que somos pecadores. **O nosso estado sem paz é um sinal de que foi rompida a unidade entre Deus e a humanidade.** A história humana está marcada pela violência, pelas divisões e por derramamento de sangue. Os homens anseiam pela paz que pelo pecado perderam; deste modo, silenciosamente, anseiam

27 “Estamos em um mundo em guerra, em todos os lugares! Alguém me disse: ‘Sabe, Padre, que estamos na Terceira Guerra Mundial, mas em pedaços? Entendeu. É um mundo em guerra’”. Era 18 de agosto de 2014 quando, no avião de volta da viagem à Coreia do Sul, respondendo ao jornalista japonês Yoshimori Fukushima do “Mainichi Shinbun”, o Papa Francisco propôs um original ângulo de visão para observar a geopolítica contemporânea. (Lucia Capuzzi, *As peças ferozes do mosaico: Um mundo de guerras e de silêncio*).

por Deus” (Docat, n. 270). Para as pessoas cristãs, não é possível haver fraternidade e amizade social descurando-se do referencial fundamental que é o próprio Deus Uno e Trino, comunhão de amor, Criador que acolhe e salva. Não basta simplesmente falar de Deus, como, infelizmente, por vezes tem acontecido em nossa realidade política, com discursos que instrumentalizam a fé do povo brasileiro em nome de projetos violentos de sociedade. Mais do que falar de Deus e constituir bancadas políticas que utilizam o nome de Deus por vezes em vão, é preciso conhecê-lo verdadeiramente, tal como foi a nós revelado por Jesus de Nazaré, por meio do seu rosto e das suas atitudes. A Campanha da Fraternidade é uma oportunidade singular de discipulado, de encontro pessoal e comunitário com o Mestre e de averiguar a qualidade da nossa forma de seguimento a Cristo e vivência concreta de seus ensinamentos.

58. O tema da Campanha da Fraternidade deste ano é uma questão transversal a todas as outras. Chegamos a uma época em que **a não fraternidade, ou seja, a inimizade social se tornou o critério determinante para boa parcela de pessoas, de grupos e da sociedade.** Vivemos um período em que o valor do indivíduo se tornou predominante a ponto de não se perceber que individualidade e fraternidade se complementam. Um aspecto sem o outro é incapaz de gerar felicidade, paz, vida e segurança.

59. Tomemos o exemplo de alguém, pessoa ou grupo, cuja prática de vida seja a da corrupção. Quem segue por este caminho olha apenas para si, não se importando com o que pode estar causando às outras pessoas. A corrupção quer apenas ganhar, acumular bens, mesmo que, nessa atitude voraz, deixe seres humanos à margem, abandonados, sem o mínimo necessário para viver e até mesmo sobreviver. **Quem ingressa pelos caminhos da corrupção não vive a fraternidade.**

60. O que leva — outro exemplo — à humilhação de pessoas com atitudes de *bullying*? No início, tudo parece uma grande brincadeira, que, todavia, só alegra quem a faz, gerando, como consequência, forte humilhação em quem a sofre, podendo levar até mesmo ao suicídio, por não mais aguentar a humilhação. Será justo uma diversão — no caso, uma falsa diversão — poder custar uma vida? **Quem pratica o *bullying* não vive a fraternidade.**

61. Estes são apenas dois dentre tantos exemplos que poderiam ser mencionados e que as comunidades, na vivência da

CF 2024, poderão identificar. Em cada uma dessas situações, o que se enxerga é a **ausência de fraternidade, o desvalor da outra pessoa**, das demais pessoas, na mesma atitude expressa por Caim quando Deus lhe indagou a respeito do irmão que ele havia matado. Caim só pensava nele mesmo. Por isso, não temeu deixar-se levar por sentimentos ruins e, para solucioná-los, escolheu matar o irmão. Com isso, sua resposta a Deus não é marcada pelo respeito, mas pela indiferença e desrespeito.

62. Quando, pois, fala em síndrome de Caim, a Campanha da Fraternidade indica a presença — no mundo de hoje e, portanto, também no Brasil — de uma situação transversal de divisão. **Trata-se de uma espécie de critério de vida, que, à semelhança de uma praga nas plantações, chega sorratamente e, aos poucos, toma conta de tudo, deixando um rastro de devastação e morte.** Esta realidade nos desafia a compreender que, para além de situações específicas, é fundamental olhar os alicerces da mentalidade de nossos dias, indo em busca de um fio condutor, de um elo comum, de uma conexão que nos possibilite compreender todas essas situações no seu conjunto.

63. Sobre isso, Papa Francisco nos alerta que “no mundo atual, esmorecem os sentimentos de pertença à mesma humanidade; e o sonho de construirmos juntos a justiça e a paz parece uma utopia de outros tempos. Vemos como reina uma indiferença acomodada, fria e globalizada, filha de uma profunda desilusão que se esconde por trás dessa ilusão enganadora: considerar que podemos ser onipotentes e esquecer que nos encontramos todos no mesmo barco. Essa desilusão, que abandona os grandes valores fraternos, conduz ‘a uma espécie de cinismo. Essa é a tentação que temos diante de nós, se formos por este caminho do desengano ou da desilusão. (...) **O isolamento e o fechamento em nós mesmos ou nos próprios interesses nunca serão o caminho para voltar a dar esperança e realizar uma renovação, mas a proximidade, a cultura do encontro, sim.** O isolamento, não; a proximidade, sim. Cultura do confronto, não; cultura do encontro, sim” (FT, n. 30).

Causas que geram e alimentam a inimizade

64. Entre as graves causas de tudo isso que vivemos, encontram-se a **destruição da coletividade e a construção do indivíduo**

solitário e autossuficiente. A modernidade nos presenteou com a descoberta da individualidade, mas nós a desfiguramos em um exacerbado individualismo, que faz emergir uma subjetividade violenta e psicologicamente doentia.

65. O desaparecimento dos grandes sonhos, projetos e ideais capazes de unir e congregar as pessoas, possibilitou a construção psíquica, social e cultural do inimigo como elemento aglutinador da sociedade. De tal modo que, para conseguir retirar as pessoas do seu conforto individualista, é preciso convencê-las da existência de um **inimigo comum** capaz de aglutinar multidões ensandecidas que se manifestam contra algo que, a rigor, não sabem o que é, embora pensem saber quem é.

66. Essa mentalidade acredita que o conflito é produtivo; e a guerra, geradora de progresso. Em consequência, paz e progresso se antagonizam. “Mas — dizem os defensores dessa mentalidade — isso é normal”. Essa mentalidade, portanto, se manifesta como uma **ideologia da negação e da invisibilização da inimidade social.**

67. As leis da **competição** e da **meritocracia** põem uma pessoa contra a outra, **normalizando o desejo de eliminar o outro para o próprio bem.** Não importa explorar de forma predatória e criminosa a biodiversidade e todo o meio ambiente, pois se crê em uma vida que não depende da Terra, nossa Casa Comum, mas única e exclusivamente do dinheiro e do poder.

A questão fundamental

68. Vivemos um esgotamento epocal. Ele atinge os fundamentos do convívio social, dos relacionamentos. Colocamos tanto peso sobre o indivíduo que acabamos por cair em um crescente **hiper individualismo.** O que conquistamos como um dos nossos valores passou a configurar-se como um dos nossos maiores limites. Conquistamos a valorização do indivíduo, mas acabamos **nos fechando uns aos outros.** Isso se aplica às mais diversas áreas da vida, desde a imediatamente relacional, como é o caso da família, até às mais amplas, como é o caso das visões religiosas e políticas.

69. No campo político, podemos e devemos ter nossas afinidades e identidades. Elas, contudo, devem ser fontes de divisão?

Como aceitar que irmãos, membros de uma mesma família, desenvolvam tamanha inimizade que já nem mais se possam ver por possuírem opções políticas diferentes? Como compreender que pessoas abandonem suas comunidades por essas já não atenderem mais às suas expectativas e pretensões políticas? Por certo, as comunidades religiosas sempre necessitarão rever suas atitudes e escolhas diante do Evangelho de Jesus Cristo. Será, porém, que devemos tratar famílias e comunidades como lojas nas quais os produtos oferecidos devem ser os que rigorosamente desejamos, a partir do **imperativo de nossas individualidades**, caso contrário as abandonamos? **Não existe um valor maior** que podemos traduzir como fraternidade, amizade, afeto e gratuidade? **Esse valor maior terá perdido o fôlego** de apagar arestas, apagar incêndios nos relacionamentos, gerar reconciliação e manter a unidade?

70. Há muito por fazer no mundo. Há muito por transformar no Brasil. São desafios sociais. São causas ambientais. E, tanto em um aspecto quanto em outro, **são seres humanos sofrendo situações profundamente interligadas, que pedem de nós um esforço único.** Foi isso que o Papa Francisco indicou, ao nos alertar de que “Estas situações provocam gemidos da irmã terra, que se unem aos gemidos dos abandonados do mundo, com um lamento que reclama de nós outro rumo” (LS, n. 53).

71. Este é o **paradoxo de nosso tempo. Vivemos fisicamente próximos, mas existencialmente distantes.** Não buscamos o encontro com o outro, mas buscamos o outro como um espelho que reforce as nossas concepções. Trocamos o relacionamento humano, por um outro tipo de relacionamento qualquer, desumano e desumanizador, possessivo, utilitário... que não dá à outra pessoa o direito de ser ela mesma. Tornamo-nos incapazes de nos colocar no lugar do outro, incapazes do que Jesus chama no Evangelho de compaixão, de padecer o sofrimento alheio, de revolver as próprias entranhas com o sofrimento do próximo (cf. Mt 9,36). Vivemos um **agudo processo de subjetivação**, isto é, **a única ótica que importa é a minha.** E ignoramos o que o refrão cantado durante o Sínodo da Amazônia nos ensinou: “tudo está interligado como se fôssemos um, tudo está interligado nessa Casa Comum”.

Um tema transversal e um caminho a seguir

72. Nesse sentido, a Campanha da Fraternidade deste ano assume como diagnóstico preocupante da realidade e, portanto, como tema para a nossa reflexão e, mais ainda, para a nossa conversão, o que nos alertou o Papa Francisco: “Neste mundo que corre sem um rumo comum, respira-se uma atmosfera em que a distância entre a obsessão pelo próprio bem-estar e a felicidade da humanidade partilhada parecem aumentar: até fazer pensar que, entre o indivíduo e a comunidade humana, já esteja em curso um cisma” (FT, n. 31). Nesta luta de interesses, que nos coloca todos contra todos, em que vencer se torna sinônimo de destruir, como é possível reconhecer o vizinho ou ficar ao lado de quem está caído na estrada? (cf. FT, n. 16)

73. Tudo isso nos leva a crer que nossa sociedade padece de uma enfermidade bem específica a qual podemos denominar como **“alterofobia”**,²⁸ ou seja, **medo, rejeição, aversão a tudo aquilo que é outro, tudo o que não sou eu mesmo**. A palavra é estranha, mas a situação que ela indica é real, presente e incisiva, dia após dia, alimentando mentalidades e gerando atitudes. **A outra pessoa, a outra causa, o outro sonho, o outro esforço, tudo, enfim, que não seja eu mesmo, acaba por se tornar desnecessário, ameaçador, destinado à rejeição e até mesmo à extinção.**

74. Por isso, **“É preciso revigorar a consciência de que somos uma única família humana**. Não há fronteiras nem barreiras políticas ou sociais que permitam isolar-nos e, por isso mesmo, também **não há espaço para a globalização da indiferença”** (LS, n. 52). “A tecnologia registra progressos contínuos, mas como seria bom se, ao aumento das inovações científicas e tecnológicas, correspondesse também uma equidade e uma inclusão social cada vez maiores! Como seria bom se, enquanto descobrimos novos planetas longínquos, também descobríssemos as necessidades do irmão e da irmã que orbitam ao nosso redor!”²⁹

75. Neste Tempo quaresmal, **somos convocados a enfrentar e vencer “a tentação de fazer uma cultura dos muros**, de erguer

28 Trata-se de um neologismo criado para expressar a enfermidade que padece a sociedade atual.

29 Papa Francisco, Mensagem em vídeo para o Encontro Internacional TED 2017 em Vancouver.

os muros, muros no coração, muros na terra, para impedir este encontro com outras pessoas”. Pois, quem se fecha em si mesmo, à semelhança de uma ostra, “quem levanta um muro, quem constrói um muro, acabará escravo dentro dos muros que construiu, sem horizontes” (FT, n. 27).

76. Se o diagnóstico, fruto de nosso ver como discípulos e discípulas de Jesus Cristo, na missão de anunciar o Reino de Deus, é a “**alterofobia**”, a qual chamamos igualmente síndrome de Caim, o remédio para o tratamento deve ser a **amizade social**, pois, como veremos a seguir, iluminados pela Palavra de Deus e o magistério da Igreja, estamos efetivamente diante de uma pandemia sociocultural, que clama por transformação e conversão à luz da fraternidade nascida do Evangelho.

Sinais que suscitam e sustentam a amizade social

77. Todo esse diagnóstico pode nos causar certo desânimo e gerar uma estagnação que poderia nos levar ao conformismo diante do desafio da conversão que a Campanha da Fraternidade nos propõe para esta Quaresma. Mas nem tudo está perdido! Aliás, nós não estamos perdidos. Desconfigurados pelo pecado, fomos resgatados pela Vida, morte e Ressurreição de Jesus, que nos devolveu o frescor original dos dias da criação. A nossa humanidade não é só pecado e divisão. **O ímpeto de comunhão, de fraternidade, de diálogo e amizade social está escrito em nossa natureza gerada no amor da Trindade.**

78. Pensemos, por exemplo, nas **enormes possibilidades de diálogo e conexão que o grande desenvolvimento das tecnologias da comunicação nos possibilita.** Utilizadas para o bem, o bom e a verdade, as ferramentas oferecidas pelas mídias digitais nos deixam mais próximos, interligando-nos sempre mais e possibilitando o encontro, o diálogo e a partilha tão necessários à cultura atual e tão característicos da fé cristã. O Papa Francisco afirma: “os *mass-media* podem ajudar a sentir-nos mais próximos uns dos outros; a fazer-nos perceber um renovado sentido de unidade da família humana, que impele à solidariedade e a um compromisso sério para uma vida mais digna. Uma boa comunicação ajuda-nos a estar mais perto e a conhecer-nos melhor entre nós, a ser mais unidos. (...) A cultura do encontro requer que estejamos

dispostos não só a dar, mas também a receber de outros. Os *mass-media* podem ajudar-nos nisso, especialmente nos nossos dias em que as redes da comunicação humana atingiram progressos sem precedentes. Particularmente **a internet pode oferecer maiores possibilidades de encontro e de solidariedades entre todos; e isto é uma coisa boa, é um dom de Deus**.³⁰ Porém, ele também alerta: “Não basta circular pelas ‘estradas’ digitais, isto é, simplesmente estar conectados: é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro. Não podemos viver sozinhos, fechados em nós mesmos. Precisamos amar e ser amados. Precisamos de ternura. Não são as estratégias comunicativas que garantem a beleza, a bondade e a verdade da comunicação”.³¹

79. Consideremos também a **permanente disposição à solidariedade** que o povo brasileiro manifesta de forma gratuita e voluntária, em emergências naturais ou em grandes tragédias causadas pelo próprio ser humano. O povo brasileiro voluntariamente se mobiliza, organiza e coloca em comum bens e serviços necessários para o socorro das vítimas, realizando, assim, ainda que temporariamente, aquela fraternidade e amizade social querida por Deus em todo tempo e lugar. “A solidariedade manifesta-se concretamente no serviço, que pode assumir formas muito variadas de cuidar dos outros. O serviço é ‘em grande parte cuidar da fragilidade. Servir significa cuidar dos frágeis das nossas famílias, da nossa sociedade, do nosso povo” (FT, n. 115). No entanto, o Papa Francisco nos adverte: “Solidariedade é muito mais do que alguns gestos de generosidade esporádicos. É pensar e agir em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns. É também lutar contra as causas estruturais da pobreza, a desigualdade, a falta de trabalho, a terra e a casa, a negação dos direitos sociais e laborais. É fazer face aos efeitos destrutivos do império do dinheiro” (FT, n. 116). E aqui temos ainda muito a crescer na solidariedade, em seu sentido mais profundo.

80. Não nos esqueçamos da **sadia e complementar pluralidade** existente entre todos os seres humanos nas suas mais diversas expressões, dom da multiforme fecundidade do Criador para promover a integração e o crescimento da família humana, a

30 Papa Francisco, *Mensagem para o XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais*.

31 *Ibidem*.

partir da valorização de nossas diferenças. Neste sentido, o Papa Francisco não se cansa de convidar-nos ao diálogo e a não ter medo de caminhar juntos aprendendo e valorizando as nossas diferenças.

81. Outro sinal eloquente, experimentado sumamente durante a pandemia da Covid-19, são os **homens e mulheres que, em meio ao medo, reagem dando a própria vida**: médicos, enfermeiros, religiosas(os), zeladores, trabalhadores dos serviços essenciais, da segurança, dos transportes. Testemunhas que nos fazem reconhecer que nossas vidas são tecidas e sustentadas por pessoas comuns, que estão ao nosso lado, muitas vezes sem serem reconhecidas (cf. FT, n. 54).

82. Os **movimentos sociais**, chamados pelo Papa Francisco de “poetas sociais”,³² têm “a capacidade e a coragem de criar esperança onde só aparecem o descarte e a exclusão” e sabem “como forjar a dignidade de cada pessoa, das famílias e da sociedade como um todo, com terra, casa e trabalho, cuidados e comunidade”.³³ Por isso, o Papa, reconhecendo-lhes como sinal de predisposição à fraternidade e à amizade social, lhes diz: “pensando em vós, considero que a vossa dedicação é, sobretudo, **uma proclamação de esperança**. Ver-vos lembra-me de que não estamos condenados a repetir ou a construir um futuro baseado na exclusão e na desigualdade, no descarte ou na indiferença; onde a cultura do privilégio é um poder invisível e irreprimível e a exploração e o abuso são um método habitual de sobrevivência”.³⁴

83. As **associações comunitárias, para lutar pelo bem comum**, e as **iniciativas de mediação comunitária de conflito** não nos deixam enganar sobre a boa disposição que habita o coração do nosso povo. Os **grupos de entreaajuda** demonstram como existem pessoas dispostas a entrelaçarem seus braços formando redes de apoio para aqueles que necessitam e que já não conseguem reerguer-se sozinhos.

84. A atuação profética do Papa Francisco, ao denunciar os mecanismos de desumanização e apontar os remédios adequados, tem sido um sinal eloquente para o mundo. Três propostas globais feitas por ele e abraçadas com entusiasmo por todo o mundo

32 Papa Francisco, **Mensagem em vídeo para os movimentos populares**.

33 *Ibidem*.

34 *Ibidem*.

também testemunham as sementes do bem que Deus continua a espalhar na humanidade e a predisposição dela a viver como irmãos e irmãs, em uma única família humana. São elas: **o Pacto Educativo Global**, que visa construir uma aliança entre escola, família e a sociedade com suas melhores energias, para colocar, no centro do processo educativo, o desenvolvimento integral da pessoa e a proteção da Casa Comum; **a Economia de Francisco e Clara**, que deseja influenciar os rumos do pensamento econômico, procurando fortalecer as perspectivas que se orientam ao desenvolvimento humano, mais equitativo e atento a todas as formas de vida no planeta; **e o processo de escuta Sinodal 2021-2024**, no qual Francisco quis ouvir todas as pessoas de boa vontade em todas as Igrejas Locais do mundo, acerca de suas expectativas sobre a Igreja e seu papel na sociedade. Iniciativas estas que envolvem toda a “aldeia global” por uma nova educação e uma nova economia, que incluam e não excluam, bem como uma renovada consciência eclesial capaz de acolher, respeitar e promover as diferenças.

85. As Comunidades Eclesiais, com sua vida cotidiana e suas iniciativas de resgate da humanidade caída à beira do caminho, testemunham a vocação cristã à fraternidade e à amizade social. Quanta gente engajada visceralmente nas pastorais sociais e solidárias de nossa Igreja! Também a prioridade dada nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023,³⁵ prorrogadas até 2025, a estas mesmas Comunidades Eclesiais Missionárias, como lugar da convivência fraterna, onde as diferenças não nos separam, mas nos complementam, apontam para uma predisposição do episcopado e das comunidades católicas do Brasil a reconhecer a importância da experiência comunitária — em oposição ao individualismo e ao intimismo — na vivência da fé cristã (cf. DAp, n. 372, 518c, 172).

35 CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023*.

- II -

ILUMINAR:

“Vós sois todos irmãos e irmãs” (Mt 23,8)

¹Depois, Jesus falou às multidões e a seus discípulos: ²“Na cátedra de Moisés estão sentados os escribas e os fariseus. ³Portanto, tudo o que eles vos disserem, fazei e observai, mas não imiteis as suas ações, pois eles falam e não fazem. ⁴Amarram fardos pesados e insuportáveis e os põem aos ombros dos homens, mas eles mesmos não querem movê-los, nem sequer com um dedo. ⁵Fazem todas as suas obras só para serem vistos pelos homens, usam faixas bem largas com trechos da Lei e põem no manto borlas bem longas. ⁶Gostam do lugar de honra nos banquetes e dos primeiros assentos nas sinagogas, ⁷de serem cumprimentados nas praças públicas e chamados de ‘rabi’. ⁸Quanto a vós, não vos façais chamar de ‘rabi’, pois um só é vosso Mestre e **todos vós sois irmãos**. ⁹Não chameis a ninguém na terra de ‘pai’, pois um só é vosso Pai, aquele que está nos céus. ¹⁰Não vos deixeis chamar de ‘guia’, pois um só é o vosso Guia, o Cristo. ¹¹Pelo contrário, o maior dentre vós deve ser aquele que vos serve. ¹²Quem se exaltar será humilhado, e quem se humilhar será exaltado (...)” (Mt 23,1-12).

86. O capítulo 23 do Evangelho de Mateus está inserido em um amplo conjunto de orientações que Jesus oferece aos seus discípulos, já na proximidade de sua Paixão. Ele ensina a seus seguidores a correta conduta e também mostra o contraponto da má conduta, que não deve ser seguida. O discurso em questão é, portanto, um ensinamento eclesial, que diz respeito à pessoa, mas, sobretudo, à comunidade: é **orientação a respeito da vida fraterna à luz da Lei do Senhor**. São dois os grupos que estão no horizonte da fala de Jesus. Primeiro, há o grupo dos discípulos, que o escutam e que devem aprender, com suas orientações, o discipulado verdadeiro. O segundo grupo é o dos fariseus e

escribas: homens próximos da Lei, cuja reflexão pode ser acompanhada, mas cuja ação não deve ser imitada.

87. Jesus denuncia algo muito grave praticado pelos fariseus e escribas: **a instrumentalização da fé.** Os Evangelhos concordam que Jesus observou como os religiosos de seu tempo, frequentemente, se aproveitaram da fé do povo para alcançar seus próprios interesses, expressar interpretações próprias e configurar a religião a suas próprias prerrogativas (cf. Lc 11,37-54; Mc 12,38-40). E, quando os interesses pessoais não eram prioridade, ao menos uma insensibilidade se fazia frequente: amarravam em ombros alheios fardos pesados que eles mesmos não eram capazes de suportar. **Os falsos pastores e os falsos profetas, para Jesus, são especialmente aqueles que não alinham palavra e ação,** que não são capazes — ou mesmo nem desejam — que sua vida e suas atitudes sejam coerentes com a Palavra anunciada, que é Palavra do próprio Deus. Pior ainda é a simulação da profecia a fim de ajuntar adeptos, riquezas, prestígio ou poder. A crítica de Jesus, profundamente coerente em seu tempo, é atual ainda hoje.

88. A incoerência que Jesus denuncia já está clara desde o início: “Na cátedra de Moisés, estão sentados os escribas e os fariseus” (Mt 23,2). Sentar-se sobre a cátedra de Moisés pode adquirir dois sentidos: o primeiro é o da continuidade e da tradição, da fidelidade ao ministério de Moisés de transmissão da Lei — vocação verdadeira dos escribas e fariseus. No entanto, o texto acentua o segundo significado possível: ao sentarem-se sobre a cátedra, **os fariseus e escribas sobrepõem suas próprias prerrogativas ao que Moisés anunciava, à Lei do Senhor.** Por isso, legislam segundo suas próprias interpretações, não segundo o coração de Deus. Jesus, na orientação, mantém a dupla possibilidade: Ele não rejeita totalmente a instituição judaica quando reafirma o que dizem os fariseus e escribas. Afinal, a Lei que anunciam é Palavra do Senhor e ela jamais será vazia ou opressora por si mesma. O que Jesus exorta a não observar é a prática, essa sim de responsabilidade pessoal daqueles religiosos — essa não tem credibilidade perante Jesus. Ao mesmo tempo em que alerta para a falibilidade dos fariseus, Jesus demonstra respeito pela instituição judaica, sobre a qual ninguém deve se impor.

89. A incoerência entre a Lei anunciada e a vida tem seu fundamento na utilização da Lei de modo deturpado, em vista de

opiniões próprias. No deserto, quando o Senhor entrega a Moisés o decálogo (cf. Ex 20), o contexto é o da libertação do povo da escravidão. Os Mandamentos, que depois serão desenvolvidos pelo povo, à luz da fé, e vão constituindo a descoberta da Lei do Senhor, são parte do caminho para chegar à Terra Prometida, são instrução de vida: “Se tua lei não fosse minha delícia, eu já teria perecido na minha humilhação” (Sl 119,92). Eles não são um conjunto de proibições, mas uma chave de vida para alcançar a salvação, que vale para todas as pessoas igualmente. Por isso, não devem ser usados para embasar algum tipo de opressão. O problema na conduta dos fariseus e escribas é fundamental, com a Lei, uma espécie de segregação, que faz com que uns sejam vistos como maiores em detrimento de outros, que precisam carregar sozinhos os pesados fardos e não ganham lugar nos banquetes e no convívio social. **A Lei do Senhor jamais deixará de ser caminho de vida, mas a interpretação dos fariseus e dos escribas impõe, em seu nome, indiferença, confronto e conflito: sinônimos da morte.** A opção pelo conflito, vista no primeiro capítulo deste Texto-Base, ainda mais quando feita com base em algum tipo de leitura da Escritura, é atualização da transgressão dos fariseus, rompe as relações e impede que vivamos, efetivamente, como irmãos e irmãs.

90. É fato que o caminho de fidelidade à Lei e à Palavra de Deus é individual e diferente de pessoa para pessoa. O que incomoda Jesus é o fato de que, no caso dos escribas e fariseus, suas obras são apenas aparências, e a Palavra de Deus é utilizada como mero adereço (cf. Mt 23,5-6). **Eles alargam as borlas dos seus mantos, mas não são capazes de alargar o espaço das suas tendas** (cf. Is 54,2). **Suas vestes estão cheias de sinais da Escritura, mas ela não está inscrita em seu coração.** Basta voltar a Jeremias para lembrar que a condição para a Aliança não era carregar um filactério,³⁶ mas trazer a Lei inscrita no coração, sede

36 “As faixas (filactérios) são caixinhas, fixadas com tiras de couro, que são colocadas no braço esquerdo e na frente, contendo palavras importantes da Bíblia. Os fariseus as deixam bem visíveis, diferentemente dos outros. Deveriam ser sinal de amor à Palavra, que ocupa o agir e o pensar. Mas não é assim que acontece. Todo o sinal pode facilmente ser mudado por amuleto, esquecendo o seu significado. A palavra ‘filactério’ significa ‘lugar no qual se conserva’. Mas conserva a memória da Palavra, ou a memória de [si] mesmo?” (BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. Novo comentário bíblico São Jerônimo: novo testamento e artigos sistemáticos. Tradução de Celso Eronides Fernandes. São Paulo: Paulus, 2011, p. 572-573).

das decisões:³⁷ “Esta é a aliança que farei com a casa de Israel a partir daqueles dias — oráculo do Senhor —: colocarei a minha lei nas suas entranhas e a gravarei em seu coração; eu serei o seu Deus, e eles, o meu povo” (Jr 31,33). Assim, eles não só impõem um fardo pesado sobre os outros, mas, mesmo tendo a Lei de Deus no horizonte dos seus olhos, se desviam para contemplar o caminho contrário e fazer opções opressivas, não só para os outros, mas também para si mesmos.

91. Assim como o decálogo recebido no Sinai vai se tornando, aos poucos, toda a Lei anunciada no Antigo Testamento, também os desdobramentos dessa Lei vão amadurecendo até atingirem a plenitude no anúncio e no exemplo de Jesus Cristo. **Em sua pessoa, Ele oferece o encontro definitivo que transforma lógica da Lei em lógica da Graça, que faz com que o Reino de Deus passe de projeto a dádiva e alcance sua forma plena.** É importante compreender, no entanto, que, ao mesmo tempo que Jesus permite ao ser humano alcançar as realidades salvíficas mais profundas, por dom e graça, Ele também cria um caminho ético que precisa ser assumido com todo esforço humano por quem deseja alcançar tais dádivas. **E esse caminho é a fraternidade.**

92. Se recebemos a adoção filial em Jesus (cf. Rm 8,15-17), o único e verdadeiro Mestre, então entendemos o coração do discurso de Jesus: “todos vós sois irmãos” (Mt 23,8) e, adiante, “o maior dentre vós deve ser aquele que vos serve” (v. 11). O cristão iniciado, que fez a experiência verdadeira do encontro com Jesus, sabe bem que é o próprio Senhor o modelo dessa conduta. Ele mesmo, “existindo em forma divina, não considerou um privilégio ser igual a Deus, mas esvaziou-se, assumindo a forma de servo e tornando-se semelhante ao ser humano” (Fl 2,6-7). **Nessa constatação, Paulo considera justo exortar: “Tende entre vós os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus” (Fl 2,5).** Assim, os primeiros sentimentos que devem configurar o cristão, que se encontrou com Jesus, são aqueles que, por primeiro, o caracterizam: compaixão, disposição ao serviço, misericórdia, benevolência, fraternidade aberta a todos. Para João, o momento

37 Para além de uma interpretação poética, devemos entender que, para o judeu, a sede das decisões está no coração. Assim, inscrever a Lei no coração pode significar a conformação dos sentimentos à Palavra de Deus, mas, principalmente, a conformação das decisões aos ensinamentos do Senhor.

decisivo do mistério da Encarnação, a “hora”³⁸ de Jesus, tem como ponto de partida exatamente o exemplo do serviço e a instituição do mandamento do amor (cf. Jo 13). **A Nova Aliança, em Jesus, é comunidade na qual todos são irmãos, porque estão unidos pelos vínculos do amor a exemplo do Mestre.** A comunidade de Jesus é comunidade daqueles que se reúnem ao redor de uma mesma mesa e celebram o Sacramento que forma comunhão, que faz irmãos. Ao redor desse altar, apenas um pode ser o Senhor e Mestre — o lugar do ensino e a autoridade do senhorio não são do discípulo. Por isso, todo aquele que, fazendo parte da comunidade da Nova Aliança, reivindica para si o lugar de “rabi” ou “Mestre”, “Pai” ou “guia”, está reivindicando, na verdade, o lugar do próprio Deus — e é importante ter consciência de que a ambição de ser como Deus é a origem do pecado original (cf. Gn 3,5).

Um único Mestre: Jesus

93. O título de “*rabi*” era atribuído, principalmente, a quem exercia função do ensino, mas também a todos os que eram considerados superiores, no judaísmo. Mais do que uma função, exprimia uma relação de poder e superioridade, por isso, deveria ser evitado na comunidade cristã. É claro que **a função de ensinar é necessária e até essencial para a comunidade, no entanto, quem a exerce não pode reivindicar tratamento diferenciado nem reconhecimento por isso, sobretudo, porque o único Mestre é o próprio Jesus.** Por isso, na vida cristã, as pessoas não podem ser reconhecidas por outra condição que não a de irmãos e irmãs. Só é possível construir um mundo justo e igual, como é o Reino de Deus, se todas as pessoas envolvidas se sentirem irmãs umas das outras e viverem como tal, reconhecendo Jesus como único Mestre e o seu Evangelho como único ensinamento que humaniza e faz viver. A centralidade de Jesus como único Mestre e Senhor leva todos os membros da comunidade a se sentirem iguais e viverem como irmãos, ou seja, gera vida fraterna. E é da

38 A hora de Jesus “será a da sua morte” (Juan Mateos; Juan Barreto, **O Evangelho de João**, p. 140). O Evangelho de João é construído a partir da narrativa da hora de Jesus. Portanto, todos os sinais apontam para tal momento decisivo. São sua preparação, são dele um sinal e certa antecipação, estimulam sua esperança e marcam sua proximidade. Também a fé cristã, embora construída pela integridade do mistério da encarnação, tem na “hora” de Jesus o seu ápice, tanto em realização, quanto em significado.

fraternidade que emanam a amizade, a solidariedade e a transparência nas relações. Vimos, entre os números 78 e 86, que muitas são as formas contemporâneas de vivenciar a amizade social. O testemunho é o melhor ensinamento que se pode oferecer e é também a escola. No laboratório das simples práticas, vamos pouco a pouco aprendendo a grande tarefa da fidelidade ao Evangelho.

Um único Pai: o do Céu

94. Para as comunidades do evangelista Mateus, Pai é o nome de Deus, por isso, a advertência de a ninguém chamar de pai reflete a indizibilidade do nome de Deus no mundo do judaísmo, ao qual pertencia o evangelista, Jesus e seus primeiros discípulos. Sendo a designação do próprio Deus, o nome Pai comporta uma sacralidade e uma autoridade insubstituível na vida da comunidade. Certamente, havia membros na comunidade, provavelmente os mesmos que reivindicavam o título de “*rabi*”, sendo chamados de pai, devido a função de liderança que exerciam, sobretudo os anciãos. Além disso, pai era também um título atribuído aos antepassados de cada clã e do povo de Israel em geral, como os patriarcas, por exemplo. Os judeus se referiam a personagens da sua história, como Abraão, Moisés, Davi, chamando-os de pai, e **Jesus quer mostrar a centralidade do Pai celeste, como único Pai, de fato.** Muitas vezes, a relação entre mestres e discípulos em escolas filosóficas e rabínicas era configurada a partir da estrutura familiar patriarcal, de modo que o respectivo mestre era chamado de pai pelos discípulos. Jesus quer cortar pela raiz essa mentalidade: **não deve haver mestres entre seus discípulos, pois Ele** é o único mestre, mesmo quem exerce a função de ensinar na comunidade será sempre discípulo; tampouco deve haver pais, pois todos são filhos e filhas de um único Pai e, por isso, são todos irmãos. Vimos como as divisões são uma mazela do nosso tempo. Quando entendemos que um mesmo é o nosso Pai, muitas diferenças deixam de ter tanta importância. Mateus é, por excelência, entre os sinóticos, o Evangelista da paternidade de Deus, e isso fica muito claro nesta passagem. E é na centralidade da paternidade de Deus que se fundamenta a fraternidade na comunidade.

Um único Guia: o Espírito que gera diversidade de carismas e ministérios

95. Reconhecer que somente o Espírito de Jesus é guia para a comunidade e para a vida particular de cada pessoa exige o cultivo da intimidade com Ele, por meio do Evangelho, e a coragem de deixar-se guiar por Ele, sabendo que seu caminho é marcado pelo amor e passa pela Cruz. **Reconhecendo que há um único Guia, se reconhece também, por consequência, que todos são irmãos e irmãs uns dos outros, são iguais.** Por isso, qualquer atribuição de poder ou autoridade deve ser levada a efeito somente a partir do serviço. É importante, no entanto, recordar que a diversidade de ministérios deve existir na comunidade que necessita de pessoas com capacidade e disposição para ensinar e orientar os demais na vivência do Evangelho. **O que não pode acontecer é que se tornem instrumentos de domínio e superioridade, pois todos são irmãos e irmãs.**

No lugar de Deus ou do irmão?

96. O Antigo Testamento tem início com uma série de narrativas que refletem sobre temas profundos e abrangentes, como a origem do mundo criado e a vocação do ser humano. O *Gênesis* não deixa de abordar também a reflexão judaica sobre a origem do mal, que depois releemos à luz da fé em Cristo. É interessante notar que, desde o Gênesis, **o mal que penetra no mundo tem suas raízes na quebra das relações fraternas.**³⁹ Primeiro, Adão, Eva e o próprio Deus formavam uma comunidade no Éden, conviviam segundo regras estabelecidas e mantinham uma relação pessoal, até que Eva se deixa seduzir por um convite que desperta vaidade e avaréza. Diz a serpente: “(...) vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecedores do bem e do mal” (Gn 3,5). **O desejo pelo lugar de Deus faz com que Eva quebre o pacto de harmonia**

39 É verdade que o Gênesis, no comprometido retrato que faz das relações humanas, não omite as relações complicadas entre irmãos, como nos exemplos de Esaú e Jacó ou Raquel e Lia. No entanto, por entender que Jesus traz a primeira interpretação autêntica do Antigo Testamento, não devemos tomar esses exemplos como justificativas ou modelos para desentendimentos ou quebras nas relações fraternas hoje, mas como exemplos que devem ser rejeitados em nome da fraternidade que Jesus mesmo instaurou como a marca do seu grupo de discípulos (cf. Jo 13,35).

e rompa as relações: com Adão, porque abre a ele um caminho pelo qual a serpente o possa também seduzir, e com o próprio Senhor, porque escolhe outra lógica de vida, distinta daquela que Ele mesmo criara e escolhera.

97. Essa lógica de vida distante de Deus assume, hoje, vários nomes, conforme vimos no capítulo anterior. No n. 55, por exemplo, a globalização da indiferença mostrou como tem sido comum negar ao diferente o direito de existir. Esse rompimento é uma atualização do fratricídio do *Livro do Gênesis*, cap. 4. Caim, não obstante os laços sanguíneos que o ligavam a Abel, não suporta o fato de que a oferta do irmão era mais agradável aos olhos do Senhor. O fratricídio começa quando Caim não é capaz de se alegrar com a alegria do irmão. **Sua expressão mais radical é o assassinato, mas sua expressão mais sutil e mais vil é a indiferença.** Após a atitude de matar, o coração de Caim se exime, inclusive, da dor ou da culpa. **Ele extirpa o irmão do mundo, porque antes já o eliminara do próprio coração.** Não há tristeza e nem mais raiva, mas apenas indiferença quando ele responde a Deus: “Acaso sou o guarda do meu irmão?” (Gn 4,9). A conduta humana por excelência é compreender-se no devido lugar de irmão e, por isso, como responsável pelo outro em suas necessidades, faltas, alegrias e esperanças. Acreditar-se capaz de decidir pela vida do outro, no entanto, é colocar-se no lugar de Deus. Nas primeiras páginas do Gênesis, aprendemos que, enquanto o primeiro erro de Adão e Eva levou-os a viver uma outra forma de vida, distante de Deus, da qual a morte seria o resultado inevitável, o erro de Caim é o que traz a morte imediata, para si e para o outro. **Romper as relações fraternas é negar ao outro certa forma de existência, aquela da companhia e do convívio, mas é também abandonar a si mesmo à experiência da morte.** Acolher é o justo contrário. Afinal, o Deus que é comunhão trinitária nos criou, também, com o convite para viver em comunhão.

“Estou procurando meus irmãos” (Gn 37,16)

98. A partir do capítulo 37 do *Livro do Gênesis*, a história de um grupo de irmãos aprofunda a reflexão sobre a fraternidade e os efeitos de seu rompimento. José, o filho mais novo de Jacó, é também o filho favorito do pai. Há que se lembrar que José, gerado já na velhice, é também o primogênito de Raquel, a quem

Jacó mais amou (cf. Gn 29,30). Enquanto o texto bíblico não se preocupa em justificar a predileção, é preciso na afirmação de um detalhe: “Ora, Israel amava mais a José do que a todos os outros filhos, porque era filho de sua velhice. Por isso, mandou fazer para ele uma túnica vistosa” (Gn 37,3). Podemos imaginar os ciúmes causados nos irmãos pelo presente tão distinto de José, indicativo de uma dignidade diferenciada, até mesmo do pertencimento a uma classe social mais elevada. Eis aqui a própria raiz do rompimento da fraternidade que levava à morte Abel. A diferença, o que distingue José, não consegue ser vista pelos irmãos como a marca de sua identidade, distinta, mas fraterna. Pelo contrário, é temida, como se fosse ameaçadora. Essa mancha cobre muitas das nossas relações hoje, porque nos deixamos levar por um processo de hipervalorização da individualidade, que resulta em autorreferencialidade. Quando somente o “eu” é a referência, o outro se torna estranho e perde lugar. **Assim, quando nossas diferenças são entendidas como ameaças e não encontram nossos esforços em construir fraternidade, as relações humanas se rompem e a morte encontra espaço para existir entre nós.**

99. A respeito da história de José e seus irmãos, Antonio Bonora observara: “o drama do homem diante de Deus é, inevitável e necessariamente, também o drama do homem perante seus irmãos. Certo homem perguntou a José: ‘Que procuras?’ e ele respondeu: ‘Procuro meus irmãos’ (Gn 37,15-16). Os irmãos não procuram José, ao contrário, odeiam-no até a morte. Mas Deus procura irmãos reconciliados entre si e, secretamente, os conduz a ‘fazer a paz’: descobrirão então que foram procurados e foram achados por Deus!”⁴⁰ Em um mundo maculado pela autorreferencialidade, que leva a enxergar o irmão como adversário, o primeiro passo para a reconstrução da fraternidade precisa ser a reconciliação — em âmbito pessoal, na família e na vizinhança, mas também em âmbito comunitário, com a opção pela paz em vez da guerra —, a começar em nossos discursos. A reconciliação de José com os irmãos se revelou parte do projeto divino que tirou Jacó e sua família da fome para dar continuidade à história da primeira Aliança. Foi a forma como Deus os buscou e encontrou. **De igual modo, quando nos reconciliamos, buscando e (re)encontrando o outro, não seria essa uma forma de sentir e**

40 Antônio Bonora, *A fraternidade que salva: Gn 37-50*, p. 7

entender a alegria da reconciliação com Deus, a ternura de ser por Ele encontrado(a)?

100. No Novo Testamento, há um paralelo que também envolve túnicas e fraternidades rompidas. Em Lc 15,11-32, quando o filho mais novo retorna, o pai, misericordioso, o recebe com insígnias cheias de simbolismo: a melhor túnica, um anel no dedo e sandálias nos pés (cf. Lc 15,22). O filho mais velho não aceita a identidade única do irmão, aquele que do mais profundo individualismo é resgatado pelo pai para se tornar um homem revestido de nova dignidade, com um novo nome e, ainda, herdeiro de sua casa. Ao ouvir a festa — sinal claro da comunhão, da alegria e da celebração fraterna — resolve isolar-se e ficar de fora. No diálogo com o pai, ele demonstra não aceitar que o irmão seja diferente dele e pensa que sua filiação deveria ser manifesta de igual forma: na permanência, na fidelidade ininterrupta, na independência da misericórdia do pai. **O pai, por sua vez, reafirma a fraternidade incorrupta com o filho. É ela mesma a razão e o convite para que o filho mais velho também se reconcilie com o mais novo.** O Pai, em Jesus, torna incorrupta a relação conosco porque, nele, nos faz (re)encontrar sua misericórdia de forma plena e definitiva. Assim, convida-nos, também, à reconciliação fraterna, como esforço de, à sua imagem, manter fortes os vínculos que Ele mesmo jamais rompe.

101. A teologia batismal, cujo fundamento é o próprio Jesus Cristo, extingue entre os filhos de Deus qualquer hierarquia de dignidade, porque reveste a todos com a mesma túnica: a veste branca da vida em Cristo. Mortos com Cristo pelo Batismo, somos convidados a integrar uma mesma família fraterna que é a Igreja, que caminha rumo à Jerusalém celeste. As diferenças em nossas identidades, portanto, não representam preferências ou precedências perante o Pai, mas especificidades dos serviços a que somos chamados. É o Pai mesmo quem faz questão de garantir nossa comum dignidade, para que nenhum motivo possa macular a vocação à fraternidade — desafio, mas nunca utopia. Se a comunidade eclesial hoje é rompida por motivos vários — dentre os quais o mau uso do poder, o ciúme e a inveja, que continuam, infelizmente, atuais — é porque não consideramos com a devida centralidade nossa dignidade fundamental recebida no Batismo.

“Onde quer que permaneças, permanecerei contigo” (Rt 1,16)

102. Com estas palavras, o Papa Francisco inicia a Encíclica de 2020: “*Fratelli tutti*”, escrevia São Francisco de Assis, dirigindo-se a seus irmãos e irmãs para lhes propor uma forma de vida com o sabor do Evangelho. Dos conselhos que ele oferecia, quero destacar o convite a um amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço; nele, declara feliz quem ama o outro, ‘o seu irmão, tanto quando está longe, como quando está junto de si’. Com poucas e simples palavras, explicou o essencial de uma fraternidade aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas, independentemente da sua proximidade física, do ponto da terra em que cada uma nasceu ou habita” (FT, n. 1).

103. Um dos mais breves livros do Antigo Testamento é a narrativa que registra a simplicidade e a beleza da amizade fraterna que é escolha. Trata-se do Livro de Rute, que traz em breves capítulos o exemplo de sua amizade com a sogra Noemi. São belos os vínculos familiares ou étnicos que vão se construindo a partir daqueles vínculos convencionais de sangue ou de pátria comum. **Mas tão belos quanto esses são aqueles que nascem das escolhas: da persistência do amor sobre a indiferença, da busca pela paz em vez da guerra, da opção pela reconciliação a despeito do conflito e da insistência do diálogo apesar das diferenças.**

104. Rute, uma estrangeira moabita, faz a escolha de permanecer junto à sogra, Noemi, mulher israelita, renunciando ao direito de voltar à sua casa e construir uma nova história. O texto bíblico não se preocupa em, exaustivamente, expor as razões da permanência. Podemos imaginar, no entanto, a solidão de Noemi caso precisasse voltar à sua terra sozinha. Viúva e tendo perdido os filhos, só lhe restavam as noras, Orfa e Rute. Voltando as mulheres às suas casas, não restaria a Noemi nenhuma perspectiva de reconstruir uma família, uma companhia próxima: “minha amargura é maior que a vossa, pois a mão do Senhor voltou-se contra mim” (Rt 1,13). **Quando Rute decide ficar, sua atitude é também uma aliança estabelecida com Noemi: “Teu povo é meu povo, teu Deus é meu Deus. Onde morreres, lá morrerei e lá serei sepultada”** (Rt 1,16-17). A atitude de Rute é atitude de

compaixão, identificação e empatia para com alguém que está na mesma situação que ela, na viuvez, e que não tem melhores perspectivas. É atitude reconhecida e louvada mesmo pelos israelitas, entre os quais ela era uma estrangeira: “Fui muito bem informado a respeito do que fizeste pela tua sogra, após a morte do teu marido: deixaste teu pai e tua mãe e tua terra natal, e vieste para um povo que até ontem não conhecias. Que o Senhor te pague pelo que fizeste, que seja integral a recompensa que há de receber do Senhor, sob cujas asas vieste te abrigar” (Rt 2,11-12).

105. As razões que levaram Rute a escolher permanecer junto a Noemi não nos são descritas. Porém, os efeitos de sua companhia nos são claros: **ela devolve vida a Noemi e lhe permite reencontrar a bênção de Deus, que se manifesta na descendência.** Diante do filho que o Senhor concede a Rute, como fruto da sua união com Booz, as mulheres israelitas dizem a Noemi: “Bendito seja o Senhor, que hoje não te deixou sem resgatador. Seu nome seja famoso em Israel. Que ele seja quem restaura a tua vida e te sustenta na velhice, pois nasceu de tua nora, que te ama e para ti **é melhor do que sete filhos**” (Rt 4,14-15) e, ainda, “Nasceu um filho para Noemi” (Rt 4,17). Não podemos deixar de notar que, para o texto bíblico, a amizade de Rute vale a Noemi muito mais que uma descendência numerosa, que era a imagem mais clara da bênção divina. É em Rute que a bênção de Deus reencontra a esquecida Noemi. Embora o título de resgatador (*go'el*) seja de Booz, porque ele tem tal direito perante a lei, a verdadeira resgatadora de Noemi foi Rute. Com sua amizade e sua companhia, ela buscou Noemi da solidão e do esquecimento. Se os laços sanguíneos não são suficientes para ligar a sogra ao filho, a compaixão e a bondade de Rute são o vínculo que faz com que todo o Israel entenda que, na descendência de Rute, Noemi ganhou um lugar na história.

106. A história de Rute e Noemi ilumina o significado da amizade social. Só é possível porque são superados os limites de sangue e etnia que, na sociedade atual, são manipulados para subsidiar a indiferença e o descaso. **O exemplo bíblico, em nome da primazia da compaixão e da fraternidade, vai na contramão do que seria aceito, inclusive legalmente, em uma sociedade na qual o individualismo ainda não era tão forte.** Os laços estabelecidos como resultado da amizade e da fraternidade são capazes de restaurar uma vida, resgatando do esquecimento, da solidão e até mesmo da pobreza e da miséria. A familiaridade que Rute

constrói com Noemi é escolha, assim como também são escolhas os vínculos que Jesus exorta seus discípulos a estabelecer. A história dessas duas mulheres e de seu vínculo tão profundo constrange o nosso tempo, tão marcado pelas já citadas divisões familiares, advindas das divergências de pensamento, de opiniões políticas, de posicionamentos diante dos fatos.

107. Outro exemplo bíblico da fraternidade expressa em vínculos admiráveis é aquele registrado na Carta a Filêmon. Em nenhum outro escrito de Paulo conseguimos apreender tanto da intensidade das amizades que ele vai construindo em suas viagens pelas comunidades. São dois os belos vínculos que nela se registram: entre Paulo e Onésimo e entre Paulo e Filêmon. Com Onésimo, **a amizade nasce da solidariedade** de um escravo para com um preso — duas pessoas que não têm muito a oferecer, mas que encontram o tesouro da fé para partilhar. Dele, Paulo diz: “Ele é o meu próprio coração” (Fm 12). Com Filêmon, **a doação em favor do anúncio de Jesus Cristo é a fonte da amizade e da comunhão profunda**. Paulo pode escolher ordenar aquilo que quer (cf. Fm 8), certo de que Filêmon, pela veracidade do vínculo estabelecido, obedeceria. Mas faz uma bela opção: “Prefiro apelar ao teu amor” (Fm 9). **É belo ver em que se apoia a amizade verdadeira, é sinal de esperança lembrar que o amor continua tendo mais força que a ordem e a imposição**. Em nome da amizade, até a relação de escravidão pode ser desfeita. A amizade de Rute resgata Noemi; a amizade de Paulo resgata Onésimo. **A amizade social, portanto, é reconstrução de relações que superam a dominação e a exploração**.

“Vós sois todos irmãos e irmãs” (cf. Mt 23,8)

108. No Evangelho de Mateus (23,1-12), o que Jesus indica como resposta à conduta dos fariseus é a escolha da fraternidade. A Lei do Senhor não é desconhecida nem para os Discípulos, nem para a multidão que a escuta, nem para os fariseus e escribas que a anunciam. O que deve diferenciar um grupo de outro, para Jesus, é o horizonte a partir do qual é interpretada essa mesma Lei. Se, para uns, ela é lida e praticada apenas em perspectiva exterior — configurando vestes e exigindo sacrifícios, condicionando discursos e subsidiando regras, muitas vezes pesadas demais —, entre os que seguem Jesus não deve ser assim. **É Jesus o**

próprio horizonte a partir do qual o discípulo deve se aproximar da Lei. Ele é o Verbo encarnado, a nova e definitiva manifestação da Palavra de Deus ao mundo, chave de sentido para o conjunto completo da história. Em Jesus, a Lei do Senhor alcança sua plenitude e isso acontece precisamente por meio dos caminhos que Ele mesmo oferece para sua interpretação e prática.

109. Portanto, encontramos no próprio Jesus o sentido de sua fala: “Todos vós sois irmãos” (Mt 23,8). Interpelado a respeito de sua família, Jesus dissera: “Eis minha mãe e meus irmãos. Todo aquele que faz a vontade do meu Pai, que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Mt 12,49-50). Em Jesus, os laços gerados a partir da fé são mais fortes que os laços de sangue. Por certo, Jesus não derroga o quarto mandamento (honrar pai e mãe). Ele eleva os laços humanos a um nível muito mais alto: ao nível da fraternidade universal. Desse modo, fé e fraternidade se conectam irrenunciável e irreversivelmente. Ao longo de todo o seu ministério, Jesus ensinou o que era fazer a vontade do Pai: anunciou o Reino para todos e trouxe para perto os menos prováveis (cf. Mt 4,18-22); associou uns aos outros em uma relação fraterna e selou essa unidade pela oração (cf. Mt 6,9 ss); alertou a respeito do julgamento mútuo e convidou ao exame da própria consciência (cf. Mt 7,3-5); ensinou a correta interpretação da Lei e teve misericórdia para com aqueles que a ela estavam submetidos (cf. Mt 12,1-8); anunciou a Boa-Nova aos pobres e saciou suas necessidades (cf. Mt 14,13-21); viveu entre os necessitados e ensinou a renúncia (cf. Mt 19,16-26); pregou a misericórdia e com ela combateu o pecado (cf. Mt 18,21-35); proclamou a salvação e, com sua morte e ressurreição, nos salvou (cf. Mt 28,1-8). **Quando nos esforçamos para que a Palavra, que é o próprio Jesus, esteja no coração, no anúncio e também na prática cotidiana, aí, então, somos verdadeiros discípulos e discípulas, verdadeiros irmãos e irmãs, temos em nós “os mesmos sentimentos de Cristo Jesus” (cf. Fl 2,5).**

“Já não vos chamo servos (...). Eu vos chamo amigos” (Jo 15,15)

110. O Evangelho de João, ápice da reflexão teológica no Novo Testamento, ajuda a compreender que, a partir de Jesus,

a fraternidade, que se traduz em proximidade, livre doação de si, compaixão e comunidade, é o amor distintivo do discípulo (cf. Jo 13,35). João reforça a ideia de que esse amor ainda é distinto do amor de Deus: não totalmente perfeito, não totalmente capaz; mas, é convite à imitação do Mestre em seu testemunho de sensibilidade, compaixão, serviço, entrega. Abre-se o significado da amizade social quando percebemos que muitas expressões no Evangelho de João, ao desenvolverem o tema do amor do discípulo, utilizam a palavra grega *philos*, ou suas derivações, muitas vezes traduzida por amizade. A amizade cristã é, portanto, vivência do amor do discípulo – **tarefa da grande academia que é o discipulado, esforço de imitação do Mestre e plenitude do amor humano que, mesmo não sendo amor divino, é seu sinal no mundo.** Essa amizade constrói comunhão, forma comunidade, é a marca do discípulo e a prova de que o ministério de Jesus tem continuidade no serviço daqueles que são seus.

111. A grande chave para a compreensão da amizade cristã, a partir da teologia joanina, está no discurso de Jesus no capítulo 15. Bastaria transcrevê-lo. Primeiro, Jesus utiliza uma imagem muito clara ensinando aos discípulos o seu lugar no Reino de Deus: o discípulo é ramo da videira verdadeira que é Jesus. Não lhe cabe o lugar do caule ou da seiva que nutre e provê a vida, mas sua vocação é a união à videira que é Jesus: só nele há vida. Essa união é possível se o discípulo guarda o mandamento do Mestre, que é um único: “que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei” (Jo 15,12). Conhecemos, do restante do Evangelho, o convite para que tal amor se expresse no serviço. Mas não o serviço vazio da fria esmola ou da impessoal doação. O desejo de Jesus é o amor-serviço, a amizade pela qual Ele mesmo esteve unido aos que o Pai lhe dera: “Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz seu senhor. Eu vos chamo amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai” (Jo 15,15). **Se o amor de Jesus foi a construção de uma relação de amizade que comunicara a verdade do Pai, então este deve ser o amor que distingue o discípulo:** amor a exemplo do Mestre, amizade que comunica a verdade do Pai por meio da entrega absoluta de si mesmo: “Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a própria vida por seus amigos” (Jo 15,13).

112. No capítulo 11 do Evangelho de João, Jesus demonstra a comunicação de seu amor-amizade. Ele vai até Marta e Maria,

que em tempo recente haviam perdido o irmão. Triste pela relação rompida com Lázaro e compassivo com a dor das irmãs, Jesus se permite ter os sentimentos delas e chora. **Como Verbo de Deus cuja tenda está armada entre os homens, Ele estende seus espaços e estica as cordas da palavra de esperança até que alcancem Marta e Maria, fincando as estacas da fé sobre a recordação das promessas passadas.** Tendo a salvação em suas mãos, Ele deixa entre os três um dos seus sinais mais claros ao chamar Lázaro para fora do túmulo. Jesus explicita, no episódio do sinal que precede o sinal definitivo da Ressurreição, quais os termos do amor-amizade que Ele espera ser o vínculo entre seus discípulos: **começa pela cultura do encontro verdadeiro e pessoal, prova-se pela compaixão, distingue-se pelo anúncio da esperança e realiza-se como sinal e antecipação da salvação.** Dessa forma, Ele comunica a Marta, Maria e Lázaro, a verdade da salvação que o Pai lhes dera a conhecer. Em nosso tempo, se desejamos construir vínculos de amizade que também comuniquem o que recebemos do Pai, a ação de Jesus deverá ser o modelo. **A cultura do encontro** nos ajudará a superar as relações líquidas e fugazes, superficiais e impessoais. A **compaixão** nos fará enxergar o coração do outro e nos ajudará a escolher diálogos, não conflitos. O **anúncio da esperança** fará com que esses vínculos tenham sua origem no único que pode livremente dar a vida: Jesus Cristo. Os **sinais da salvação** se comunicarão, então, como dom e dádiva que vêm do Senhor, como confirmação dos nossos esforços em permanecermos unidos à videira verdadeira.

113. Por fim, a Primeira Carta de São João é uma referência no Novo Testamento quanto ao tema do amor de Deus e do amor a Deus e aos irmãos. Duas afirmações nos devem provocar profundamente: **“Quem ama o seu irmão permanece na luz** e não corre perigo de tropeçar. Mas quem odeia o seu irmão está nas trevas, caminha nas trevas e não sabe aonde vai, pois as trevas cegaram seus olhos” (1Jo 2,10-11). E: **“Se alguém disser: ‘Amo a Deus’, mas odeia o seu irmão, é mentiroso; pois quem não ama o seu irmão, a quem vê, não poderá amar a Deus, a quem não vê”** (1Jo 4,20).

O testemunho dos santos

114. A vida e a história dos santos e santas que, com seu testemunho, iluminam, quais luzeiros, o caminho bimilenar da

Igreja, não deixam de oferecer-nos **exemplos edificantes de fraternidade e amizade social**. Como não recordar a bela e santa amizade de **São Gregório Nazianzeno e São Basílio de Cesareia**, caracterizada por este com a expressão: “parecia-nos ter uma única alma em dois corpos”?⁴¹ Lembremos da grande amizade entre o patriarca de Constantinopla, **São João Crisóstomo**, exilado pelo Imperador, e a **diaconisa Olímpia**, que tanto o ajudou com suas cartas no tempo do sofrimento. Também a grande e fraterna amizade dos irmãos **São Bento e Santa Escolástica**, que mutuamente se impulsionavam na busca de Deus, é exemplo para nós.

115. De **São Francisco de Assis**, não podemos nos recordar apenas de sua terna amizade com **Santa Clara**, rosto e coração feminino — tão fecundo! — do franciscanismo. É preciso lembrar de **frei Leão**, fiel companheiro de missão e reclusão de São Francisco no Monte Alverne. Mas ainda merecem menção os outros primeiros companheiros, **frei Ângelo, frei Rufino e frei Maseo**, tão amigos e irmãos que mereceram circundar, em suas sepulturas, a sepultura do Irmão Francisco. Amigos e irmãos na vida e na morte, à espera da Ressurreição. Há ainda uma senhora, sepultada na entrada da cripta de São Francisco, onde o Papa assinou, em 3 de outubro de 2020, a Carta Encíclica *Fratelli Tutti*. É **Jacoba di Settesoli**,⁴² uma mulher romana que ofereceu ao santo doces de amêndoa de sabor inesquecível durante sua enfermidade em Roma. A ela Francisco mandou escrever, às vésperas de sua morte, chamando-a “*fra*”⁴³ *Jacoba*” e pedindo-lhe que viesse imediatamente a Assis, trazendo os doces inesquecíveis, um tecido escuro para envolver o seu corpo e velas de cera para o seu sepultamento. Ela chegou a Santa Maria dos Anjos quando Francisco fechava os olhos para este mundo, e frei Elias, o sucessor de Francisco no governo da ordem, mandou abrir-lhe as portas para que a amizade entre ela e São Francisco se manifestasse mais uma vez.

116. Não é exagero dizer que **não há santidade no ódio, na indiferença, na exclusão. A santidade só se manifesta na fraternidade, na amizade sem fronteiras, para além dos nossos**

41 São Gregório Nazianzeno, **Oração 43**, 14-24.

42 Esta personagem pode ser encontrada em: **Compilação de Assis**, cap. 8 ou **Atos do bem-aventurado Francisco e de seus companheiros**, 18.

43 Abreviatura em língua italiana da palavra “*fratello*”, que quer dizer, irmão.

gostos, afetos e preferências, abrindo-nos ao outro, por mais repugnante que ele nos pareça, como era o leproso para o jovem Francisco de Assis, no processo de sua conversão, que ele mesmo recorda no seu testamento, dizendo: “o Senhor concedeu a mim, frei Francisco, começar a fazer penitência: porque, como estava em pecados, parecia-me por demais amargo ver os leprosos. E o próprio Senhor me conduziu para o meio deles. E eu fiz misericórdia com eles. E aquilo que me parecia amargo converteu-se para mim em doçura da alma e do corpo”.⁴⁴

A Vida Religiosa Consagrada: testemunho de fraternidade e amizade social

117. As ordens e congregações religiosas católicas representam preciosas **experiências de comunhão**. Essas comunidades de homens e mulheres dedicam suas vidas a um chamado específico, seguindo os ensinamentos de Jesus Cristo e os carismas deixados por seus fundadores. Possuem uma longa história de devoção e serviço. Vivendo em mosteiros ou conventos, seus membros buscam a Deus por meio da oração e da fraternidade. A partir dessa vida fraterna, as ordens e congregações religiosas, bem como dos institutos e outras formas de agregação, desenvolvem ações pastorais, educacionais, de saúde e caritativas.

118. Em meio à variedade de formas da vida religiosa, **a comunhão é o cerne de todas elas**. Seus membros vivem em comunidades nas quais compartilham seus dons e talentos em prol de um objetivo comum: servir a Deus e ao próximo. A vida em comunidade impulsiona o crescimento espiritual, aprofundando a relação com Deus e fortalecendo os laços fraternos entre os membros. As ordens e congregações religiosas, com suas diversas missões, enriquecem a Igreja com sua espiritualidade e caridade. São concretizações da comunhão dentro da Igreja. Ao viverem juntos em fraternidade e dedicarem suas vidas a Deus e aos outros, esses religiosos e religiosas são um exemplo inspirador de como a comunhão e o serviço são fundamentais para o chamado cristão.

44 Testamento de São Francisco, n. 1-2.

Espiritualidade de comunhão

119. Mais próximo dos nossos tempos, São João Paulo II já se antecipava à amizade social, no início do novo milênio, ao propor à Igreja uma espiritualidade de comunhão: “Fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão: eis o grande desafio que nos espera se quisermos ser fiéis ao desígnio de Deus e corresponder às expectativas mais profundas do mundo. Que significa isto em concreto? Também aqui o nosso pensamento poderia fixar-se imediatamente na ação, mas seria errado deixar-se levar por tal impulso. Antes de programar iniciativas concretas, é preciso promover uma **espiritualidade da comunhão**, elevando-a ao nível de **princípio educativo** em todos os lugares onde se plasmam o ser humano e o cristão, onde se educam os ministros do altar, os consagrados, os agentes pastorais, onde se constroem as famílias e as comunidades. Espiritualidade da comunhão significa em primeiro lugar **ter o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade**, que habita em nós e cuja luz há de ser percebida também no rosto dos irmãos que estão ao nosso redor. Espiritualidade da comunhão significa também a **capacidade de sentir o irmão de fé na unidade profunda do Corpo místico**, isto é, como ‘um que faz parte de mim’, para saber partilhar as suas alegrias e os seus sofrimentos, para intuir os seus anseios e dar remédio às suas necessidades, para oferecer-lhe uma verdadeira e profunda amizade. Espiritualidade da comunhão é ainda a **capacidade de ver, antes de mais nada, o que há de positivo no outro, para acolhê-lo e valorizá-lo** como dom de Deus: um ‘dom para mim’, como o é para o irmão que diretamente o recebeu. Por fim, espiritualidade da comunhão é saber **‘criar espaço’ para o irmão, levando ‘os fardos uns dos outros’** (Gl 6,2) e rejeitando as tentações egoístas que sempre nos insidiam e geram competição, arrivismo, suspeitas, ciúmes. Não haja ilusões! Sem esta caminhada espiritual, de pouco servirão os instrumentos exteriores da comunhão. Revelar-se-iam mais como estruturas sem alma, máscaras de comunhão, do que como vias para a sua expressão e crescimento” (NMI, 43).

Cultura do respeito, do diálogo, da amizade

120. Bento XVI, na sua Mensagem para o 43º Dia Mundial das Comunicações Sociais, celebrado em 24 de maio de 2009,

chamava a atenção especialmente dos jovens sobre a amizade: “O conceito de amizade logrou um renovado lançamento no vocabulário das redes sociais digitais que surgiram nos últimos anos. Este conceito é uma das conquistas mais nobres da cultura humana. **Nas nossas amizades e por meio delas crescemos e desenvolvemo-nos como seres humanos.** Por isso mesmo, desde sempre a verdadeira amizade foi considerada uma das maiores riquezas de que pode dispor o ser humano. (...) A amizade é um grande bem humano, mas esvaziar-se-ia do seu valor, se fosse considerada fim em si mesma. **Os amigos devem sustentar-se e encorajar-se reciprocamente no desenvolvimento dos seus dons e talentos e na sua colocação ao serviço da comunidade humana.** Neste contexto, é gratificante ver a aparição de novas redes digitais que procuram promover a solidariedade humana, a paz e a justiça, os direitos humanos e o respeito pela vida e o bem da criação. Estas redes podem facilitar formas de cooperação entre povos de diversos contextos geográficos e culturais, consentindo-lhes de aprofundar a comum humanidade e o sentido de corresponsabilidade pelo bem de todos”.⁴⁵

A fraternidade está no coração do Evangelho

121. O Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, ensina que “**no próprio coração do Evangelho, aparece a vida comunitária e o compromisso com os outros (...).** Confessar um Pai que ama infinitamente cada ser humano implica descobrir que ‘assim lhe confere uma dignidade infinita’. Confessar que o Filho de Deus assumiu a nossa carne humana significa que cada pessoa humana foi elevada até o próprio coração de Deus. Confessar que Jesus deu o seu sangue por nós nos impede de ter qualquer dúvida acerca do amor sem limites que enobrece todo o ser humano. A sua redenção tem um sentido social, porque **‘Deus, em Cristo, não redime somente a pessoa individual, mas também as relações sociais entre os homens’** (CDSI, n. 52). Confessar que o Espírito Santo atua em todos implica reconhecer que Ele procura permeiar toda a situação humana e todos os vínculos sociais: ‘O Espírito Santo possui uma inventiva infinita, própria da mente divina, que sabe prover a desfazer os nós das

45 Bento XVI, Mensagem para 43º Dia Mundial das Comunicações Sociais.

vicissitudes humanas mais complexas e impenetráveis'. A evangelização procura colaborar também com esta ação libertadora do Espírito. **O próprio mistério da Trindade nos recorda de que somos criados à imagem dessa comunhão divina, pelo que não podemos realizar-nos nem salvar-nos sozinhos.** (...) A Palavra de Deus ensina que, no irmão, está o prolongamento permanente da Encarnação para cada um de nós: 'todas as vezes que fizestes isso a um destes mais pequenos, que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes' (Mt 25,40). O que fizermos aos outros tem uma dimensão transcendente: 'a mesma medida que usardes para os outros servirá para vós' (Mt 7,2); e corresponde à misericórdia divina para conosco: 'Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso. Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados. Dai e vos será dado. (...) a medida que usardes para os outros servirá também para vós' (Lc 6,36-38). Nestes textos, exprime-se a **absoluta prioridade da 'saída de si próprio para o irmão', como um dos dois mandamentos principais** que fundamentam toda a norma moral e como o sinal mais claro para discernir sobre o caminho de crescimento espiritual em resposta à doação absolutamente gratuita de Deus" (EG, n. 177-179).

Ouvir o que o Espírito diz às Igrejas (cf. Ap 3,13)

122. Animada pelo convite do recente processo sinodal, a Igreja no Brasil tem se aberto ao esforço permanente de ouvir a voz do Espírito. Nos diversos ambientes de escuta que o Sínodo proporcionou, desde a sua Fase Diocesana, iniciada em 2021, um grande clamor pela superação da indiferença e do individualismo emerge como voz das comunidades brasileiras. Também essa fase foi importante para que pudéssemos ver o quanto a Igreja tem sofrido com o cenário de desentendimentos e divisões que este texto expôs em suas primeiras páginas. Desde a superação das mazelas em nossas relações interpessoais até a resolução dos conflitos intraeclesiais — como as disputas de poder, o clericalismo e as dificuldades de diálogos entre grupos ideologicamente contrastantes — a amizade social parece ser o caminho que o Espírito tem indicado à Igreja. Esse não é um caminho novo, mas talvez a indicação do retorno ao modelo das primeiras comunidades, que viviam a comunhão desde os âmbitos da vida

prática até à espiritualidade (cf. At 2,42-47; 4,32-37). **A opção pela cultura do encontro verdadeiro e pessoal com Jesus e com os irmãos, na primazia da compaixão e no anúncio da esperança, são sinais que antecipam a salvação e subvertem as lógicas que o nosso tempo tem construído como normativas.** Que o Espírito conduza a Igreja à sua escuta atenta e confirme os seus esforços contemporâneos, dando-nos a graça da conversão.

- III -

AGIR:**“Alarga o espaço da tua tenda” (Is 54,2)**

“²Alarga o espaço da tua tenda, estende as peles das tuas barracas – nada poupes! – estica as cordas, finca bem as estacas! ³Para a direita e para a esquerda te expandirás, e a tua descendência herdará as nações que virão repovoar as cidades abandonadas. ⁴Não tenhas medo, pois não passarás vergonha; não te enrubesças, pois não terás de que te envergonhar!” (Is 54,2-4).

123. Chegamos a um momento decisivo da nossa CF, o agir. Somente a ação é capaz de converter o juízo. É acima de tudo a ação e não apenas o argumento que rompe as bolhas, tão características dos nossos tempos. É hora de agir juntos! Propor e realizar ações com aqueles que são diferentes de nós, às vezes até nossos opositores. Se conseguirmos partir de um mínimo ponto comum e trabalhar juntos, abandonando os preconceitos, daremos grandes passos em direção à cultura do encontro e do diálogo.

124. “A palavra do profeta recorda ao povo no exílio a experiência do êxodo e da travessia do deserto, quando habitava nas tendas, e anuncia a promessa do regresso à terra, sinal de alegria e esperança. Para se preparar, é necessário alargar a tenda, agindo sobre três elementos da sua estrutura. O primeiro são **as lonas**, que protegem do sol, do vento e da chuva, delineando um espaço de vida e de convivência. **É preciso estendê-las, de modo que possam proteger também aqueles que ainda se encontram fora deste espaço, mas que se sentem chamados a entrar.** O segundo elemento estrutural da tenda são **as cordas**, que mantêm juntas as lonas. **Devem equilibrar a tensão necessária para evitar que a tenda se debilite com a frouxidão, [enfraquecendo] com os movimentos provocados pelo vento.** Por isso, se a tenda se alarga, devem aumentar-se para manter a justa tensão. Por fim, o terceiro elemento são **as estacas** que fixam a estrutura ao solo e **asseguram a solidez, mas permanecem capazes de serem movidas quando se deve armar a tenda noutra lugar.**

A resistência da tenda é assegurada pela robustez das suas estacas, ou seja, **os fundamentos da fé que não mudam, mas podem ser deslocados e colocados em terrenos sempre novos**, de modo que a tenda possa acompanhar o povo que caminha na história. (...) **É assim que muitos imaginam a Igreja: uma morada ampla, mas não homogênea**, capaz de dar abrigo a todos, mas **aberta**, que deixa entrar e sair (cf. Jo 10,9), e **em movimento** para o abraço com o Pai e com todos os outros membros da humanidade. Alargar a tenda exige acolher outros no seu interior, dando espaço à sua diversidade”.⁴⁶

125. Alargar os espaços das nossas tendas significa que, “perante as várias formas atuais de eliminar ou ignorar os outros, sejamos capazes de reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social que não se limite a palavras” (FT, n. 6).

126. Nosso desafio é “ser ainda mais uma Igreja que escuta: escuta do Espírito por meio da escuta da Palavra, da escuta dos acontecimentos da história e da escuta mútua como indivíduos e entre as comunidades eclesiais, desde o nível local até os níveis continental e universal (...) Este estilo de ouvir precisa marcar e transformar todos os relacionamentos que a comunidade cristã estabelece entre seus membros, bem como com outras comunidades religiosas e com a sociedade como um todo, especialmente em relação àqueles cuja voz é mais frequentemente ignorada”.⁴⁷ E, assim, vivenciando sempre mais a experiência da fraternidade, da amizade, da comunhão, a Igreja, por seu testemunho e suas ações, irradia para toda a sociedade, o valor da amizade, mostrando com atitudes bem concretas que, mesmo diante de tamanha pressão em direção à inimizade, à separação e ao conflito, é possível fazer da fraternidade um valor indispensável na sociedade atual. Quando a fraternidade se torna valor nas culturas, quanto uma sociedade, valorizando por certo as diferenças, estabelece e mantém processos, mecanismos e instrumentos de unidade, comunhão e fraternidade, podemos então dizer que estamos em um ambiente de amizade social.

127. Nos parágrafos seguintes, apresentaremos sugestões de ação para os três âmbitos da ação evangelizadora: pessoa,

46 Secretaria Geral do Sínodo, **Documento de trabalho para a Etapa Continental: 2021-2023**, n. 26-28.

47 Secretaria Geral do Sínodo, **XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos: Instrumentum Laboris para a Primeira Sessão**, n. 22.

comunidade e sociedade, no desejo de que, desafiados pela realidade e iluminados pela Palavra de Deus e da Igreja, não fiquemos parados, mas empreendamos esforços concretos na superação do hiper individualismo e da alterofobia, por meio do remédio da amizade social. Diante delas, cada pessoa, grupo, comunidade e instituição é convocada a discernir a respeito do que fazer.

128. Sugestões de ação para alargar o espaço da minha tenda pessoal:

- a. Recolher** os frutos das suas renúncias quaresmais para **oferecer**, na **Coleta Nacional da Solidariedade**, no próximo Domingo de Ramos. Dos recursos arrecadados, 60% permanecem na Diocese e compõem o Fundo Diocesano de Solidariedade e os outros 40% são enviados à CNBB, para compor o Fundo Nacional de Solidariedade que subsidia, todos os anos, centenas de projetos sociais em todo o Brasil, ligados ao tema da Campanha da Fraternidade;
- b. Buscar e resgatar** a identidade pessoal, o conhecimento de si mesmo, de suas qualidades, competências e também dificuldades e faltas, integrando-se sempre mais;
- c. Cultivar**, por meio da oração e da prática da reconciliação sacramental, uma espiritualidade de comunhão, uma mística do encontro, da ternura, da misericórdia, aprendendo do Mestre uma forma mais acolhedora e compreensiva de lidar com as pessoas no dia a dia, ampliando a consciência sobre a dignidade integral de cada pessoa humana, amando não somente a Deus, mas o que Ele mesmo ama e como Ele ama;
- d. Identificar** as “nossas guerras”, falsidades, ambições, maquinações (cf. FT, n. 256) e cuidar para que o mal que nasce em nós não cresça e se espalhe pelo mundo, a começar ao nosso redor;
- e. Reagir** sempre como o bom samaritano: ver, sentir compaixão e cuidar (CF 2020);
- f. Olhar** cada pessoa com amor;
- g. Promover** a cultura do encontro;
- h. Formar-se** para a abertura à diversidade, ao diferente e ao contraditório;
- i. Dialogar** sempre (FT, n. 198);
- j. Apostar** em uma educação para a liberdade e o respeito absoluto às pessoas, sem que um padrão seja criado e imposto a todos, indistintamente;

- k. Incentivar** e tornar pública a exigência do amor cristão, que acolhe a todos como Jesus, sem exigir nada em troca;
- l. Incentivar** encontros interpessoais, reuniões de famílias e grupos de convivência, para que as pessoas experimentem e vivenciem o amor e o respeito mútuo;
- m. Ser** em todas as situações um agente de reconciliação e de paz;
- n. Ir ao encontro** dos vizinhos, mesmo aqueles que ainda não conhecemos;
- o. Celebrar** a vida do outro, suas conquistas e vitórias;
- p. Participar** de iniciativas como “É tempo de cuidar”; “Pacto pela vida e pelo Brasil”; “Pacto Educativo Global”; “Economia de Francisco e Clara” etc.

129. Sugestões de ação para alargar o espaço da nossa tenda comunitário-eclesial:

- a. Promover**, na comunidade eclesial, a **Coleta Nacional da Solidariedade**, no Domingo de Ramos, como grande gesto concreto da CF 2024. Dos recursos arrecadados, 60% permanecem na Diocese e compõem o Fundo Diocesano de Solidariedade (FDS) e os outros 40% são enviados à CNBB, para compor o Fundo Nacional de Solidariedade que subsidia, todos os anos, centenas de projetos sociais em todo o Brasil, ligados ao tema da Campanha da Fraternidade;
- b. Empreender** com coragem a conversão pastoral, sem pressa, mas com determinação, exigência da crise que vivemos;
- c. Investir** decididamente na mística, na espiritualidade de comunhão, fugindo de todo ativismo e individualismo, nem sempre facilmente percebidos;
- d. Alargar** nossos círculos de atuação para além de nossas Igrejas, sendo “Igreja em saída”;
- e. Favorecer** os centros de escuta e formar pessoas para ouvir o diferente (ministério da escuta);
- f. Buscar** os grupos extra eclesiais que cuidam dos mais vulneráveis e com eles pensar o todo da ação, especialmente da nossa ação (revisão de vida, método e ação pastoral);
- g. Lutar** pela igualdade de oportunidades para todos (FT, n. 235);
- h. Educar** para o bom uso das redes sociais, como espaços de partilha fraterna e amorosa, de crescimento, conhecimento e mútua cooperação;

- i. Estimular** a amizade social entre os sacerdotes, os(as) consagradas, a fim de superar desconfianças, suspeitas, ciúmes;
- j. Praticar** o ecumenismo e o diálogo interreligioso como remédios para a intolerância religiosa;
- k. Implantar e valorizar** as Escolas de Perdão e Reconciliação (EsPeRe);⁴⁸
- l. Celebrar**, com as juventudes, o Dia Internacional da Amizade, em 20 de julho;
- m. Abordar** a fraternidade universal, a amizade social, a solidariedade, a comunhão, o diálogo etc. na catequese e na pregação, de forma oportuna, a fim de criar e robustecer na comunidade uma cultura do encontro e da partilha;
- n. Desmascarar**, com caridade e de forma pedagógica, atitudes de ódio, exclusão e cancelamento que ocorram na comunidade, partindo de quem quer que seja, ajudando seus autores e toda a comunidade cristã em um processo de autêntica conversão, que passa necessariamente pela reconciliação e pela acolhida do diferente;
- o. Investir** esforços para que os espaços comunitários de comunhão e participação, mormente os conselhos diocesanos, paroquiais e comunitários de pastoral e de administração econômica sejam oportunidades reais de construção coletiva — em que cada um colabora como pode e renuncia a algo para acolher o que outro oferece — e de aprendizagem da fraternidade e da amizade social;
- p. Ser presença** de fraternidade, reconciliação e mediação de conflitos nas escolas e outros ambientes educativos, por meio do padre, dos gestores, professores e profissionais de apoio verdadeiramente comprometidos com a vida cristã, da Pastoral da Educação, seus agentes e outros;
- q. Fomentar** espaços para a escuta das pessoas em grupos de partilha de experiências diversas, a fim de que todos sejam ouvidos em suas necessidades e na forma como interpretam e entendem o mundo;
- r. Promover** pequenos grupos de ajuda mútua, de solidariedade e caridade, como grupos assistenciais e de socorro aos necessitados;

48 Conheça as EsPeRe, acessando o link: <https://esperebh.wordpress.com/apresentacao/>

- s. **Fazer** um levantamento das pastorais, ONGs e outras instituições que promovem a solidariedade como caminho para construir a fraternidade e ampliar a socialização das experiências exitosas;
- t. **Promover**, nas comunidades eclesiais missionárias, espaços de estudo e partilha da Doutrina Social da Igreja como componente essencial da formação dos aspectos sociais da fé;
- u. **Incentivar** a participação ativa das famílias nas comunidades escolares para que estas, apoiadas pela comunidade, sejam espaços de convivência pacífica e do cultivo da cultura da proximidade;
- v. **Apoiar** iniciativas de formação de professores para que sejam qualificados como mediadores de conflito por meio de práticas pedagógicas restaurativas e preventivas e alunos, professores e famílias que enfrentam sociabilidades violentas e/ou são vítimas de discursos de ódio;
- w. **Estabelecer e/ou fortalecer** parcerias com o governo e a sociedade civil na educação e promoção dos Direitos Humanos para todos;
- x. **Capacitar** os agentes (clero, religiosos, colaboradores, seminaristas, catequistas e agentes de pastoral) para enfrentar e responder aos discursos de ódio em suas atividades diárias, de forma a coibir concepções, práticas e discursos contrários à fraternidade e à amizade social dentro da própria Igreja;
- y. **Fortalecer** o ensino religioso nas escolas públicas e privadas como experiência de conhecimento da pluralidade religiosa no Brasil, de respeito e de diálogo interreligioso e intercultural;
- z. **Criar** na CNBB o Grupo de Trabalho “Missionários da Comunhão”, para promover o ecumenismo intra-eclesial, indo ao encontro daqueles que, embora estejam na Igreja, pensam diferente de nós, com corações abertos para ouvir e, a partir da escuta, reconstruir a comunhão na sinodalidade.

130. Sugestões de ação para alargar o espaço da nossa tenda social:

- a. **Valorizar** o voluntariado, o serviço comunitário;
- b. **Implementar e popularizar** a prática da Justiça Restaurativa;⁴⁹

49 Conselho Nacional de Justiça, **Justiça Restaurativa: Programas e Ações**.

- c. **Promover** a discussão de grandes temas do momento, como a migração e o preconceito;
- d. **Apoiar e fomentar** campanhas contra o racismo e todo tipo de preconceitos;
- e. **Fomentar e promover** as pastorais e movimentos que cuidam dos migrantes e de todos aqueles que estão nas “periferias existenciais” do mundo, lançando um olhar especial a todos os excluídos e desprovidos de dignidade na sociedade atual;
- f. **Expressar** condenação a todas as experiências autoritárias e ditatoriais da atualidade, desde as mais próximas até as mais distantes de nós;
- g. **Promover** a democracia e a paz participando ativamente dos organismos locais e nacionais de Direitos Humanos, buscando uma integração maior com todos os movimentos que estão lutando para construir o novo mundo possível;
- h. **Apoiar** as instituições públicas de denúncia de crimes de ódio e intolerância que circulam pelos países e pelos oceanos em busca de uma vida melhor e com mais dignidade;
- i. **Promover** as instituições que cuidam da cultura da paz por meio do esporte, lazer, cultura e educação;
- j. **Estabelecer** um observatório da Amizade Social que recolha e partilhe as experiências exitosas, assim como, as situações de ameaça à fraternidade humana.
- k. **Incentivar** atividades que conduzam ao pensamento crítico e o fortaleçam, à inteligência emocional e ao diálogo intercultural e contribuam para um ambiente social inclusivo;
- l. **Conscientizar e formar** as pessoas para a educação midiática, ou seja, para o bom uso dos recursos digitais, especialmente as redes sociais, rechaçando a desinformação, os discursos de ódio e a cultura do cancelamento, sem recorrer aos seus métodos, mas sempre a partir do amor, da verdade e do valor de toda pessoa humana;
- m. **Fomentar e incentivar** as redes de comunicação popular e comunitárias, como espaços de construção das contranarrativas aos conteúdos de ódio e discriminação, por meio da transmissão de informações confiáveis entre pares;

131. “Embora esteja inscrito como lei fundamental do nosso ser, é um apelo sempre novo: que a sociedade se oriente para a busca do bem comum e, a partir desse objetivo, reconstrua incessantemente a sua ordem política e social, o tecido das suas relações, o seu projeto humano” (FT, n. 66).

CONCLUSÃO

132. A organização e preparação dos animadores da CF, nos seus vários níveis, comunitário, paroquial, diocesano, regional e nacional, é muito importante, bem como a sua divulgação nos mais diversos meios e veículos de comunicação, para que a campanha alcance o seu objetivo. Sem verdadeiro envolvimento de todos os atores eclesiais na organização, formação e divulgação, não há CF. Para tanto, todos os batizados e batizadas, animadores fundamentais da CF, devem unir-se neste serviço à comunhão da Igreja no Brasil. Todos nós, caminhando juntos, motivaremos nossas comunidades a assumir suas responsabilidades ante a situação de divisão que persiste no nosso Brasil.

133. Deus nos fez a todos seus filhos e filhas. Somos todos irmãos e irmãs! Sua eterna criatividade fez-nos únicos. Portanto, diferentes. Contudo, nossas diferenças no ser, no pensar e no agir não nos podem dividir ou separar. Nossas diferenças são riquezas, oportunidades de crescimento, encaixes de comunhão! Por meio do diálogo, construamos harmonia entre nós, sejamos construtores da cultura do encontro.

134. É importante encontrar e criar oportunidades para propor a reflexão da CF 2024 nas celebrações comunitárias, nas catequeses, nos conselhos diocesanos, paroquiais e comunitários, nos encontros e reuniões de grupos pastorais e movimentos eclesiais, nas escolas e nas câmaras legislativas. O que importa é insistir no que é a CF em si mesma — um instrumento de comunhão eclesial, de formação das consciências e do comportamento cristão e de edificação de uma verdadeira fraternidade cristã e amizade social entre os brasileiros.

135. Trata-se de uma Campanha, ou seja, de um conjunto de reflexões e ações que deve envolver o todo da Igreja, transbordando para o todo da sociedade. É uma ação da pastoral orgânica da Igreja! Um esforço de evangelização e educação, que busca gerar convicções e atitudes evangélicas. “A CF deverá ser muito mais ampla e profunda, constituindo-se simultaneamente em organização e oração, em pregação e música, em cartaz e aula, em contatos com pequenos grupos e mensagens para o grande público, em proclamação de princípios e escolhas de gestos e

projetos concretos. Tudo isso quer levar a uma conversão, a uma superação do resistente egoísmo e do fatal individualismo, a uma vida de amor fraterno e de engajamento comunitário”.⁵⁰

136. Que Maria, nossa boa Mãe, nos eduque para sermos verdadeiros irmãos e discípulos do seu Filho, Jesus Cristo, e verdadeiros irmãos e amigos de todas as pessoas e de todos os povos, a fim de darmos nossa contribuição na construção do Reino de Deus, aqui e agora, a caminho do Reino definitivo.

Mãos à obra!
É o Senhor quem nos envia.

50 CF 1975, *Repartir o pão*, n. 2.4.

ANEXO 1

Subsídios da CF 2024

1. **Cartaz:** é a identidade visual da CF;
2. **Oração:** é um resumo orante e suplicante a Deus daquilo que almejamos com a CF;
3. **Hino:** é a identidade musical da CF, que busca, poeticamente, recolher e expressar as reflexões da CF;
4. **Texto-Base:** é a reflexão fundamental que sustenta o caminho da CF;
5. **Manual:** é conjunto de todos os subsídios em um único volume para facilitar o acesso ao material completo produzido para a CF;
6. **Círculos Bíblicos:** são roteiros para 5 encontros de Círculos Bíblicos entre vizinhos, amigos, nos setores missionários ou grupos de pastoral e movimento. Eles aprofundam o conhecimento dos principais fundamentos bíblicos da CF;
7. **Via-Sacra:** é um roteiro com a meditação das 14 estações da *Via Crucis*, a partir do tema da CF, que deseja ajudar as comunidades na meditação deste piedoso exercício quaresmal;
8. **Via Lucis:** é um roteiro com a meditação das 14 estações da *Via Lucis*, a partir do tema da CF que deseja ajudar as comunidades na meditação deste piedoso exercício pascal;
9. **Retiro Popular Quaresmal:** é um roteiro para auxiliar o cristão a transformar toda a sua Quaresma em um grande retiro, com sugestões de orações e ações pessoais diárias e encontros comunitários semanais de oração e reflexão;
10. **Terço da Amizade Social:** este roteiro apresenta meditações para os mistérios do Rosário baseadas no tema da CF, a fim de subsidiar os grupos do terço dos homens, das mulheres, de vizinhos, ENS etc.;
11. **Adoração Eucarística, Celebração Penitencial e Celebração Ecumênica:** são três roteiros em um único volume. O roteiro para a *Adoração Eucarística* visa subsidiar todas as pessoas e grupos que desejam passar uma hora em adoração ao Santíssimo Sacramento, rezando a partir do tema da CF.

É próprio e adequado para todos os grupos que se revezam em adoração nas quintas-feiras, nas primeiras sextas-feiras do mês etc. O roteiro para a *Celebração Penitencial* oferece uma celebração que pode ser realizada como celebração penitencial presidida por ministro leigo em qualquer comunidade urbana ou rural, em um dia da Quaresma; pode ser presidida por um presbítero tornando-se oportunamente uma celebração penitencial com absolvição geral ou pode ser uma celebração que precede e prepara para o início do mutirão com diversos padres dispostos a atender confissões individuais. O roteiro para a *Celebração Ecumênica* pode ser utilizado quando duas ou mais comunidades cristãs de distintas confissões desejam rezar juntas a partir da provocação da CF ou mesmo para um tempo de oração em uma escola, em uma empresa, em um grupo de amigos onde nem todos professam da mesma forma a fé cristã;

12. **CF na Catequese com crianças e as Dores de Maria:** este subsídio oferece 3 roteiros catequéticos para desenvolver o tema da CF com crianças e uma celebração adaptada das 7 dores de Maria, na sua participação na Paixão de Jesus;
13. **CF na Catequese com adolescentes e os Passos da Paixão:** este subsídio oferece 3 roteiros catequéticos para desenvolver o tema da CF com adolescentes e uma celebração abreviada da *Via-Sacra*, a partir do costume popular de celebrar os 7 passos da Paixão, adaptado aos adolescentes;
14. **Jovens na CF:** é o roteiro para os diversos Grupos de Jovens de nossas comunidades utilizarem para caminhar em sintonia com a CF. Ele oferece roteiros para Leitura Orante da Palavra, Roda de conversa e Encontros de jovens;
15. **CF na Escola – Ensino Fundamental (1º ao 5º ano):** oferece 4 planos de aula sobre a CF para serem desenvolvidos nas aulas de ensino religioso ou outras com as crianças do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental;
16. **CF na Escola – Ensino Fundamental (6º ao 9º ano):** oferece 4 planos de aula sobre a CF para serem desenvolvidos nas aulas de ensino religioso ou outras com os adolescentes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental;
17. **CF na Escola – Ensino Médio:** oferece 4 planos de aula sobre a CF para serem desenvolvidos nas aulas de ensino religioso ou outras com os jovens do Ensino Médio;

18. **CF na Universidade:** é o roteiro para professores e alunos das universidades se encontrarem e refletirem sobre o tema da CF no ambiente universitário;
19. **CF em Família:** oferece 6 encontros para que cada família realize na sua casa, entre os seus, como Igreja Doméstica, um tempo semanal de oração e reflexão a partir da CF;
20. **Fraternidade Viva:** é um subsídio diferente! Ele traz um resumo simples e ilustrado da reflexão da CF para ser distribuído aos excluídos e menos favorecidos da sociedade. Ele é feito para acompanhar a cesta básica doada pela Pastoral social, o sopão distribuído às pessoas em situação de rua, aos andarilhos que se dirigem à paróquia a procura de auxílio etc.;
21. **Fraternidade e Amizade Social na Economia de Francisco e Clara:** neste subsídio são oferecidas reflexões comuns entre a CF e a Economia de Francisco e Clara para o seu enriquecimento e aprofundamento pessoal ou em grupos de interesse, que resolvem se encontrar para ouvir cada um dos *podcasts* distribuídos gratuitamente nas plataformas de áudio, e aprofundar, por meio da partilha, as questões propostas;
22. **Fraternidade e Amizade Social na Amazônia:** neste subsídio são oferecidas reflexões comuns entre a CF e a Amazônia, este bioma tão importante para o Brasil e o mundo, onde encontramos formas próprias e enriquecedoras de se tratar e aprofundar o tema da CF. Pode ser utilizado para enriquecimento pessoal ou em grupos, que leem cada um dos textos e partilham suas respostas às questões propostas.

Todos os nossos subsídios podem ser adquiridos em:
<https://www.edicoescnbb.com.br/>.

Ou aponte a câmera do seu celular para o QRcode ao lado.



ANEXO 2

Documentários, filmes, músicas e poesias

Documentários e curtas-metragens:

1. Construção democrática e sociedade do medo - Kabenguelê Munanga (Antropólogo brasileiro-congolês) - <https://www.youtube.com/watch?v=5D5f5SQGJsw>
2. *Cup of tea* (Copo e chá) - <https://www.youtube.com/watch?v=3EsYLCsQinA>
3. Malak e o barco: uma viagem da Síria (UNICEF) - <https://www.youtube.com/watch?v=0wXdmJu840I>
4. Papa Francisco - Videomensagem aos participantes do 23º Dia da Pastoral Social na Argentina - <https://www.youtube.com/watch?v=NmGRAIEL2dY>
5. Trégua de Natal - <https://www.youtube.com/watch?v=CR1SluypHCO>
6. Vídeo para a Rede Mundial de Oração pelo Papa, julho de 2021: A Amizade Social - <https://www.youtube.com/watch?v=EPIG7XqwPjY>

Filmes:

1. A Corrente do Bem;
2. A felicidade não se compra;
3. As neves do Kilimanjaro;
4. E agora, aonde vamos?;
5. Gran Torino;
6. Inimigo Meu.

Músicas:

1. A Lista (Osvaldo Montenegro)
2. Amizade sincera (Renato Teixeira)
3. Canção do amor fraterno (Pe. Zezinho)
4. Depende de Nós (Ivan Lins)
5. Diáspora (Tribalistas) -

6. Laços (Nando Reis)
7. O Sal da Terra (Beto Guedes e Ronaldo Bastos)
8. Peça Felicidade (Gabi Melim)
9. Terceira Música (Raimundo Andrade)
10. Vilarejo (Marisa Monte)

Poesias:

1. **Alguém que seja abrigo** (Daniela Barreira)
2. **É por amor** (Zé Vicente)

ANEXO 3

Fundo Nacional de Solidariedade – FNS

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), reunida em sua 36ª Assembleia Geral em 1998, instituiu o Fundo Nacional de Solidariedade (FNS) e o Fundo Diocesano de Solidariedade (FDS), com o objetivo de promover a sustentação da ação social da Igreja Católica no Brasil.

O FNS e o FDS destinam-se ao atendimento de ações e projetos sociais em território brasileiro. Eles têm procurado responder a cada ano às necessidades mais urgentes do momento, sempre que possível considerando a realidade nacional.

Seus recursos provêm da Coleta Nacional da Solidariedade, realizada em todas as comunidades do Brasil no Domingo de Ramos, como gesto concreto da Campanha da Fraternidade.

O montante arrecadado é distribuído da seguinte forma:

- **60%** do total constitui, nas Dioceses, o **FDS**, gerido pela própria Diocese, em vista de ser aplicado nas ações e projetos sociais diocesanos;
- **40%** do total, enviado pelas Dioceses à CNBB, constitui o **FNS**, gerido pelo Conselho Gestor do FNS, para ser aplicado em ações e projetos sociais, nos âmbitos nacional, regional e local, acompanhado pelo Departamento Social da CNBB.

A aplicação dos recursos obedece rigorosamente aos eixos determinados no edital publicado a cada ano pela CNBB, com importância decrescente, bem como aos aspectos técnicos, administrativos e jurídicos. Exige ainda o acompanhamento das realidades sociais e humanitárias, da legislação brasileira e das orientações doutrinárias da Igreja Católica no Brasil.

1. CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO E APROVAÇÃO DE PROJETOS

O cadastro da entidade e de seu respectivo projeto no sistema FNS caracteriza a aceitação e o conhecimento das normas constantes no edital e a não concordância com as condicionantes nele descritas acarreta o seu cancelamento.

O processo de seleção de Projetos Sociais pelo Conselho Gestor dá-se de acordo com as normas descritas no edital. São priorizados os projetos que estão em sintonia com os objetivos gerais e objetivos específicos da Campanha da Fraternidade, de cunho essencialmente social, de defesa incondicional da vida e dos princípios cristãos.

Podem enviar projetos para o FNS entidades sociais sem fins lucrativos, confessionais ou não, com sua situação fiscal regular, que estejam habilitadas a trabalhar com a temática proposta pela CF 2024 – “Fraternidade e Amizade Social”.

2. CONSELHO GESTOR⁵¹

Membros natos:

- Dom Ricardo Hoepers, Bispo auxiliar de Brasília – DF e Secretário-Geral da CNBB;
- Dom José Valdeci Santos Mendes, Bispo diocesano de Brejo – MA e Presidente da Comissão Episcopal para a Ação Sociotransformadora
- Mons. Nereudo Freire Henrique, do clero de João Pessoa – PB e Ecônomo da CNBB
- Pe. Patriky Samuel Batista, do clero de Luz – MG e Subsecretário Adjunto Geral da CNBB

Membros apresentados na 110ª reunião do Conselho Permanente:

- Pe. Jean Poul Hansen, do clero da Campanha – MG e Secretário Executivo das Campanhas da CNBB
- Frei Olavio José Dotto, OFM, Assessor da Comissão Episcopal para a Ação Sociotransformadora
- Pe. Agenor Guedes Filho, OSB, Representante dos Secretários Executivos Regionais
- Antônia Mendes Ribeiro, Assistente Social da CNBB
- Franklin Ribeiro Queiroz, Coordenador de Projetos Sociais do FNS

⁵¹ Cf. Decreto n. 021/2023, da Presidência da CNBB, de 1º de julho de 2023.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRIETTA, Reginaldo. **Fraternidade e Amizade Social**. **CNBB**, 13 out. 2020. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/fraternidade-e-amizade-social/>. Acesso em: 03 maio 2023.
- ARISTÓTELES. **Ética a Eudemo**. Tradução de António Amaral e Artur Morão. Lisboa: Imprensa Nacional, 2019.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução Luciano Ferreira de Souza. São Paulo: Martin Claret, 2015.
- ARISTÓTELES. **Gran Ética**. Tradução de Samaranch, F.P. 3. ed. Buenos Aires: Aguillar, 1958.
- ARISTÓTELES. **Magna Moralia**. Harvard: Loeb Classical Library, 1990.
- ATOS do bem-aventurado Francisco e de seus companheiros**. Santo André, SP: Mensageiro de Santo Antônio, 1997.
- AVIZ, Darlan Aurélio de. **Uma alma em dois corpos: a amizade cristã como processo de humanização e manifestação do amor de Deus na Oração 43,14-24 de São Gregório Nazianzeno**. Tese (Mestrado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2017.
- BENTO XVI. **Mensagem para 43º Dia Mundial das Comunicações Sociais**. (Mensagens). Vaticano, 24 de maio de 2009.
- BERGSON, Henri. **Les deux sources de la morale et de la religion**. Paris: PUF, 2008.
- BONORA, Antônio. **A fraternidade que salva: Gn 37-50**. São Paulo: Paulinas, 1987.
- CAPUZZI, Lucia. As peças ferozes do mosaico: Um mundo de guerras e de silêncio. **Instituto Humanitas Unisinos**. Tradução: Luisa Rabolini. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/617163-as-pecas-ferozes-do-mosaico-um-mundo-de-guerras-e-de-silencio>. Acesso em: 6 jul. 2023. Título original: Un mondo di guerre e di silenzio. I feroci pezzi del mosaico.
- CNBB. **Campanha da Fraternidade 1975**: Repartir o pão.
- CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023**. (Documentos da CNBB, 109). Brasília: Edições CNBB, 2019.

- CNBB. Mensagem da CNBB ao povo brasileiro sobre o momento atual. **CNBB**, 31 ago. 2022. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/59-ag-mensagem-cnbb-povo-brasileiro-momento-atual/>. Acesso em: 1 ago. 2023.
- CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Justiça Restaurativa: Programas e Ações**. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/programas-e-acoes/justica-restaurativa/>. Acesso em: 18 ago. 2023.
- FRANCISCO. **Mensagem em vídeo para o Encontro Internacional TED 2017 em Vancouver**. (Mensagens Pontifícias), Vaticano, 26 de abril de 2017.
- FRANCISCO. **Mensagem em vídeo para os movimentos populares**. (Mensagens Pontifícias). Vaticano, 16 de outubro de 2021.
- FRANCISCO. **Mensagem para o XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais**. (Mensagens). Vaticano, 1 de julho de 2014.
- FRANCISCO. **Vídeo para a Rede Mundial de Oração pelo Papa (Apostolado da Oração)**. 30 de julho de 2021. Disponível em: <http://youtu.be/nEwSfkNEFs0>. Acessado em: 27 mar. 2023.
- FRANCISCO; AHMAD AL-TAYYEB. **Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum**. (Viagens). Abu-Dabhi, 4 fevereiro de 2019.
- HOBBS, Thomas. **Leviatã**. Tradução de João Paulo Monteiro, Maria Beatriz Nizza da Silva e Claudia Berliner. São Paulo: Marins Fontes, 2003.
- MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. **O Evangelho de São João**. São Paulo: Paulinas, 1999.
- MESSIAS, Elvis Rezende. A Paz, dignidade humana e desarmamento integral: uma compreensão à luz do ensino social católico. **Interações**. Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 391-425, 14 out. 2021, p. 415.
- MESSIAS, Elvis Rezende. Redescobrir a Doutrina Social da Igreja hoje: contribuições fundamentais a partir da Pacem in Terris. **Revista Encontros Teológicos**, Florianópolis, v. 36, n. 1, p. 31-67, jan.-abr. 2021.

- PAIVA, Raul Pache de. “Amizade Social”?. **Caminhando com Ele**, [S.D.]. Disponível em: <https://caminhandomocomele.com.br/amizade-social/>. Acesso em: 3 maio 2023.
- PLATÃO. **A República**. Tradução de Ciro Mioranza. São Paulo: Lafonte, 2017.
- SÃO GREGÓRIO NAZIANZENO. **Oratio 43**, in laudem Basilii Magni, 15,16-17.19-21: PG 36,514-523.
- SÃO PAULO VI. **Mensagem para a Quaresma de 1973**. (Mensagens). Vaticano, março de 1973.
- TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica Volume 5**: II Seção da II Parte – Questões 1-56. Tradução A. Vannucchi et al. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2010.
- TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica Volume 6**: II Seção da II Parte – Questões 57-122. Tradução A. Vannucchi et al. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2010.
- TOMÁS DE AQUINO. **Suma contra os Gentios III**. Tradução Maurílio José de Oliveira Camello. São Paulo: Loyola, 2015.
- TOMMASO D’AQUINO. **Commento all’Etica Nicomachea di Aristotele**: Volume 2, Libri 6-10. A cura di Lorenzo Perotto. Bologna: Edizioni Studio Domenicano, 1998.
- TOMMASO D’AQUINO. **Commento alle Sentenze di Pietro Lombardo**: Libro Terzo, Distinzioni 23-40. Traduzione di P. Lorenzo Perotto. Bologna: Edizioni Studio Domenicano, 2000.
- SECRETARIA GERAL DO SÍNODO. **Documento de trabalho para a Etapa Continental**: 2021-2023.
- SECRETARIA GERAL DO SÍNODO. **XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos**: *Instrumentum Laboris* para a Primeira Sessão. Vaticano, outubro de 2023.
- SILVEIRA, Idelfonso; REIS, Orlando dos. **São Francisco de Assis: Escritos e Biografias de São Francisco de Assis, Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano**. Petrópolis: Vozes, 1988, 5ª ed., p. 167-170.
- XENOFONTE. **Ditos e feitos memoráveis de Sócrates**. (Os pensadores). São Paulo: Abril Cultural, v. 2, 1973.



www.edicoescnbb.com.br

WWW.MATERIALPROFESSOR.COM.BR

TEMOS UMA LINHA COMPLETA DE SUBSÍDIOS PARA APOIÁ-LO NESSA MISSÃO.

Cartaz e Banner (P, M e G)

CF na Catequese com crianças e as
Dores de Maria

Cartão com Oração, Cartaz adesivo
e Adesivo Lema

Jovens na CF



Texto-Base

CF na Escola – Ensino Fundamental
(1º ao 5º ano)

Manual

CF na Escola – Ensino Fundamental
(6º ao 9º ano)

Círculos Bíblicos

CF na Escola – Ensino Médio

Via-Sacra e Via Lucis

CF na Universidade

Retiro Popular Quaresmal

CF em Família

Terço da Amizade Social

Fraternidade Viva

Adoração Eucarística, Celebração
Penitencial e Celebração Ecumênica

Fraternidade e Amizade Social na
Economia de Francisco e Clara

CF na Catequese com adolescentes
e os Passos da Paixão

Fraternidade e Amizade Social
na Amazônia

CONHEÇA OS MATERIAIS DA CF 2024



ESCANEIE O QR CODE



0800 940 3019 | (61) 2193-3019
VENDAS@EDICOESCNBB.COM.BR
WWW.EDICOESCNBB.COM.BR

ISBN 978-65-5975-230-0



9786559 752300